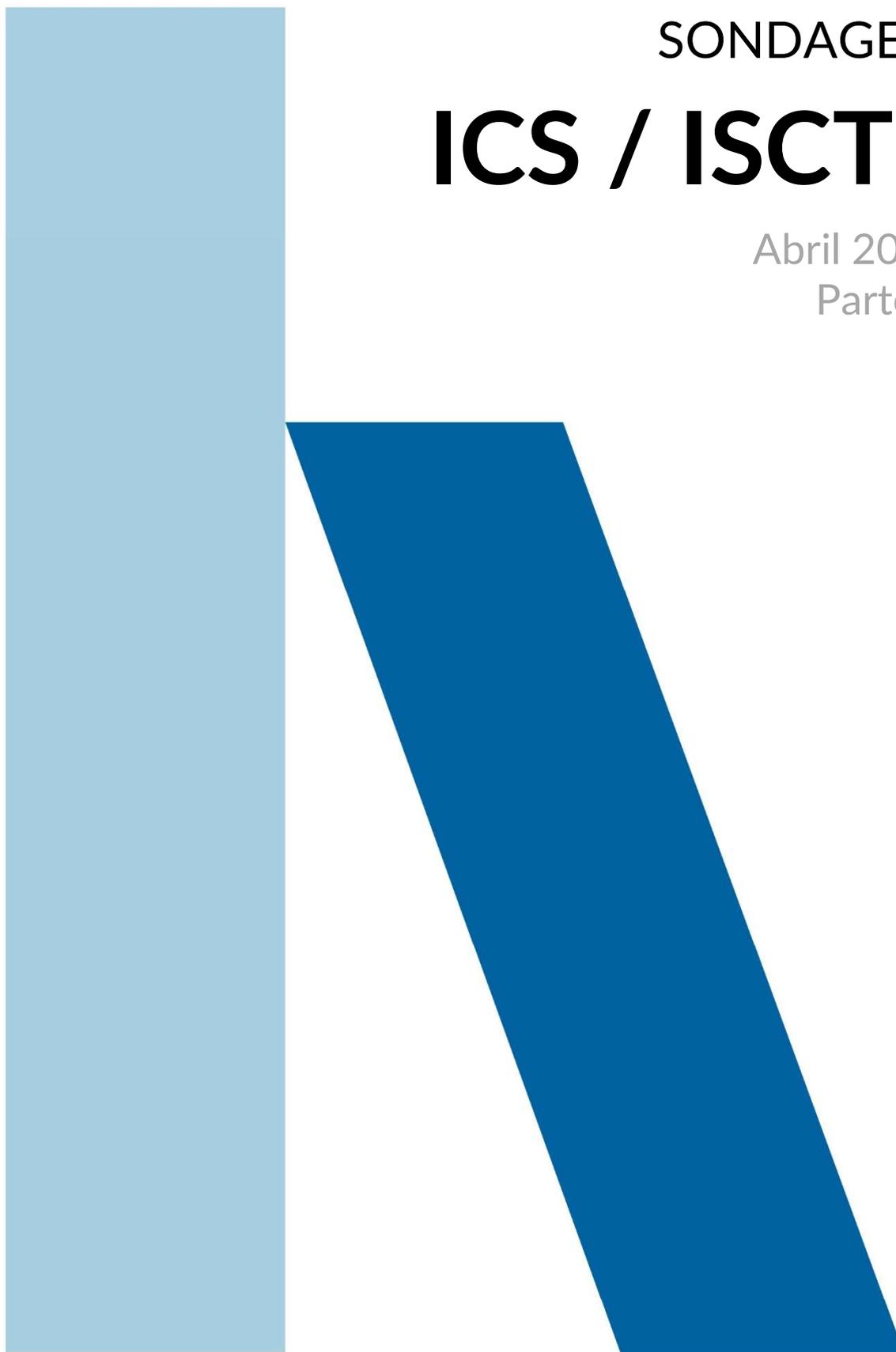


SONDAGEM

ICS / ISCTE

Abril 2025

Parte 2



ÍNDICE

1. Ficha técnica.....	2
2. Avaliação do desempenho do governo	3
3. Avaliação da evolução da economia	5
4. Avaliação da evolução de diferentes aspetos da vida do país	7
5. Impactos das controvérsias em torno do primeiro-ministro	15
5. Quem vai ter mais votos nas legislativas de 18 de maio?	18
6. Maioria absoluta preferível?	19
7. Preferências de negociação se o líder do PS for indicado para formar governo, mas não tiver maioria	20
7.1. Total da amostra.....	20
7.2. Simpatizantes do PS.....	21
8. Preferências de negociação se o líder da AD for indicado para formar governo, mas não tiver maioria	22
8.1. Total da amostra.....	22
8.2. Simpatizantes do PSD	23
9. Preferências de negociação se o líder da AD for indicado para formar governo e o Chega for necessário para uma maioria de direita	24
9.1. Total da amostra.....	24
9.2. Simpatizantes do PSD	25
9.3. Simpatizantes do PS.....	26
9.4. Simpatizantes do Chega.....	27
10. Qualidades de Luís Montenegro e Pedro Nuno Santos	28
10.1. Total da amostra	28
10.2. Simpatizantes do PSD	29
10.3. Simpatizantes do PS	30
11. Avaliação de figuras políticas	31

1. Ficha técnica

Este relatório baseia-se numa sondagem cujo trabalho de campo decorreu entre os dias 5 e 14 de abril de 2025. Foi coordenada por uma equipa do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa) e do Iscte - Instituto Universitário de Lisboa (Iscte-IUL), tendo o trabalho de campo sido realizado pela GfK Metris. O universo da sondagem é constituído pelos indivíduos de ambos os sexos com idade igual ou superior a 18 anos e capacidade eleitoral ativa, residentes em Portugal Continental. Os respondentes foram selecionados através do método de quotas, com base numa matriz que cruza as variáveis Sexo, Idade (4 grupos), Instrução (3 grupos), Região (7 Regiões NUTS II) e Habitat/Dimensão dos agregados populacionais (5 grupos). A partir de uma matriz inicial de Região e Habitat, foram selecionados aleatoriamente 93 pontos de amostragem, onde foram realizadas as entrevistas de acordo com as quotas acima referidas.

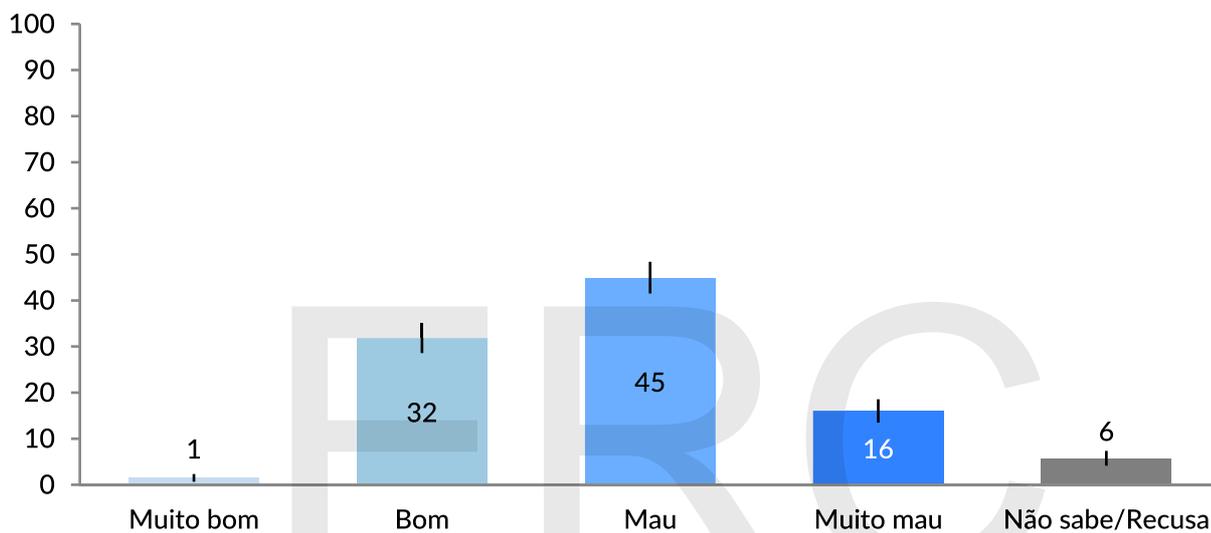
A informação foi recolhida através de entrevista direta e pessoal na residência dos inquiridos, em sistema CAPI, e a intenção de voto nas eleições legislativas recolhida através de simulação de voto em urna. Foram contactados 2815 lares elegíveis (com membros do agregado pertencentes ao universo) e obtidas 803 entrevistas válidas (taxa de resposta de 29%, taxa de cooperação de 44%). O trabalho de campo foi realizado por 35 entrevistadores, que receberam formação adequada às especificidades do estudo. Todos os resultados foram sujeitos a ponderação por pós-estratificação de acordo com a frequência de prática religiosa e a pertença a sindicatos ou associações profissionais dos cidadãos portugueses com 18 ou mais anos residentes em Portugal Continental, a partir dos dados da vaga mais recente do *European Social Survey* (Ronda 11). A margem de erro máxima associada a uma amostra aleatória simples de 803 inquiridos é de +/- 3,5%, com um nível de confiança de 95%.

Nos gráficos seguintes, todas as percentagens são arredondadas à unidade, podendo a sua soma ser diferente de 100%. Para mais informações sobre a metodologia destas sondagens, em particular sobre como interpretar as barras de erro associadas às estimativas, pós-estratificação amostral e a metodologia aplicada para lidar com “indecisos” e não-respostas em questões sobre intenção de voto, consultar o nosso [site](#).

2. Avaliação do desempenho do governo

"Pensando no desempenho geral do atual governo, como avaliaria esse desempenho? Diria que o governo está a fazer um trabalho..."

% em relação ao total da amostra

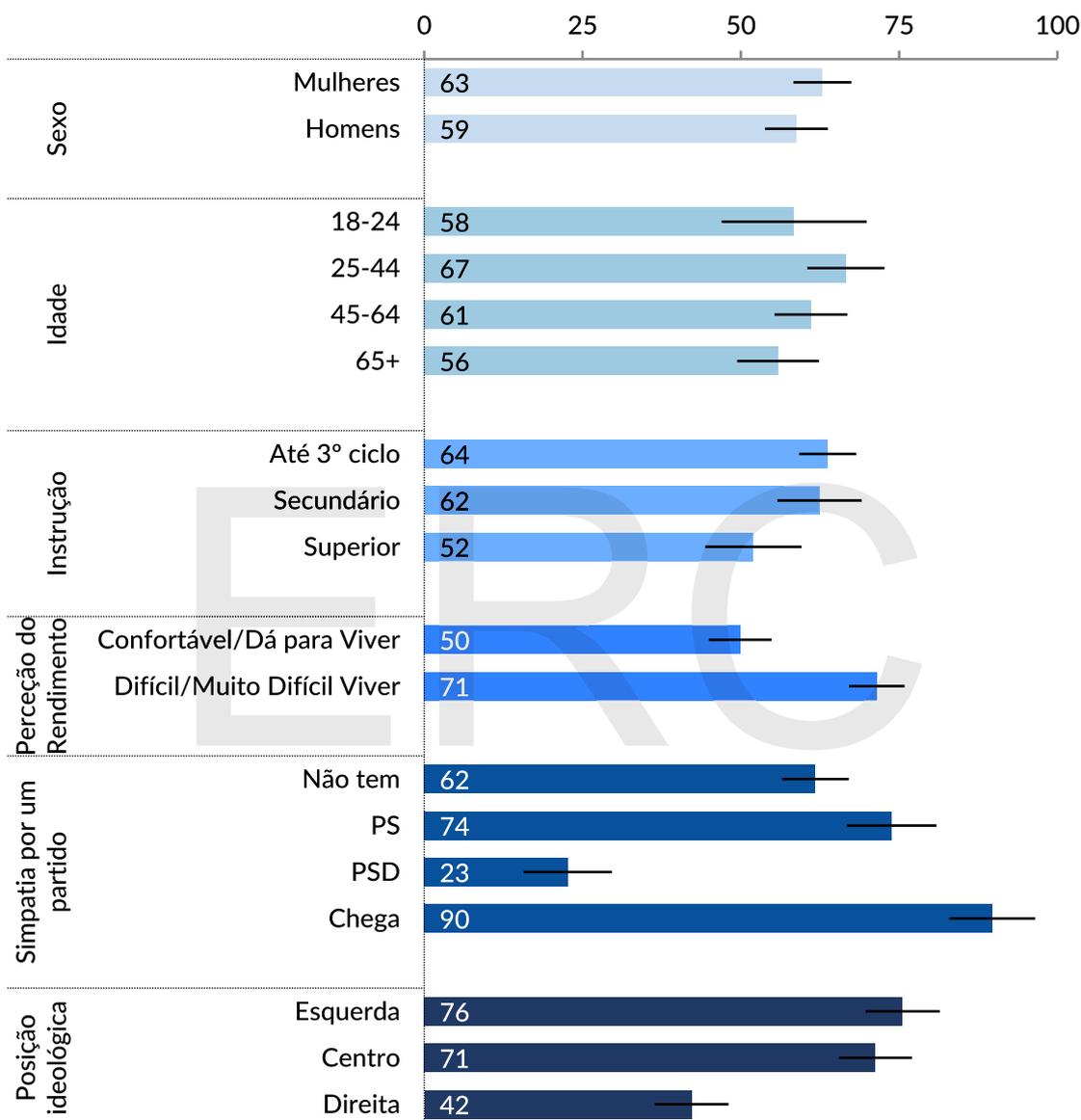


Recolha: 5 a 14 de abril de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

A maioria dos inquiridos (61%) avaliou de forma negativa o desempenho do atual governo: 45% disseram que está a fazer um trabalho “mau” e 16% “muito mau”. Pouco menos de um terço (32%) considerou que o desempenho do governo é “bom”, e apenas 1% o avaliou como “muito bom”. Os inquiridos que disseram não saber ou recusaram responder a esta pergunta correspondem a 6% da amostra.

O governo está a fazer um trabalho "mau" ou "muito mau"

% em relação ao total dos subgrupos



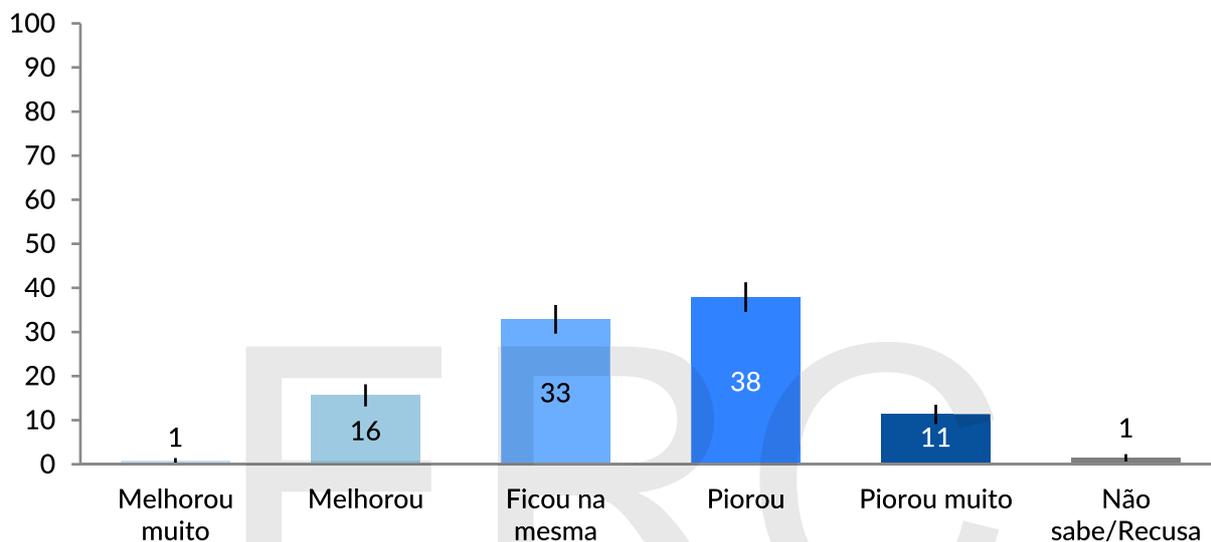
Recolha: 5 a 14 de abril de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

Os inquiridos com diplomas universitários foram menos propensos a expressar uma avaliação negativa do desempenho do governo (52%) do que os que apresentam níveis de escolaridade iguais ou inferiores ao terceiro ciclo (64%). Apenas 50% daqueles que dizem que o rendimento do agregado familiar dá para viver ou para viver de forma confortável avaliaram negativamente o trabalho do executivo, tratando-se este de um valor inferior ao observado junto dos que afirmam ser difícil ou mesmo muito difícil viver com o rendimento disponível (71%). Quanto à ideologia, se apenas 42% dos inquiridos que se definem como sendo de direita avaliaram negativamente o desempenho do governo, esta posição é significativamente mais comum junto dos que se posicionam ao centro (71%) ou à esquerda (76%). Por fim, a propensão para fazer uma avaliação negativa é particularmente baixa junto dos simpatizantes do PSD (23%), quase três vezes mais alta no caso de quem não simpatiza com qualquer partido (62%), ainda mais elevada junto de quem se identifica com o PS (74%), e inequivocamente maioritária no grupo dos simpatizantes do Chega (90%). As diferenças entre estes quatro grupos são estatisticamente significativas.

3. Avaliação da evolução da economia

"Falando agora sobre a situação da economia em Portugal: no último ano, acha que a situação da economia melhorou muito, melhorou, ficou na mesma, piorou ou piorou muito?"

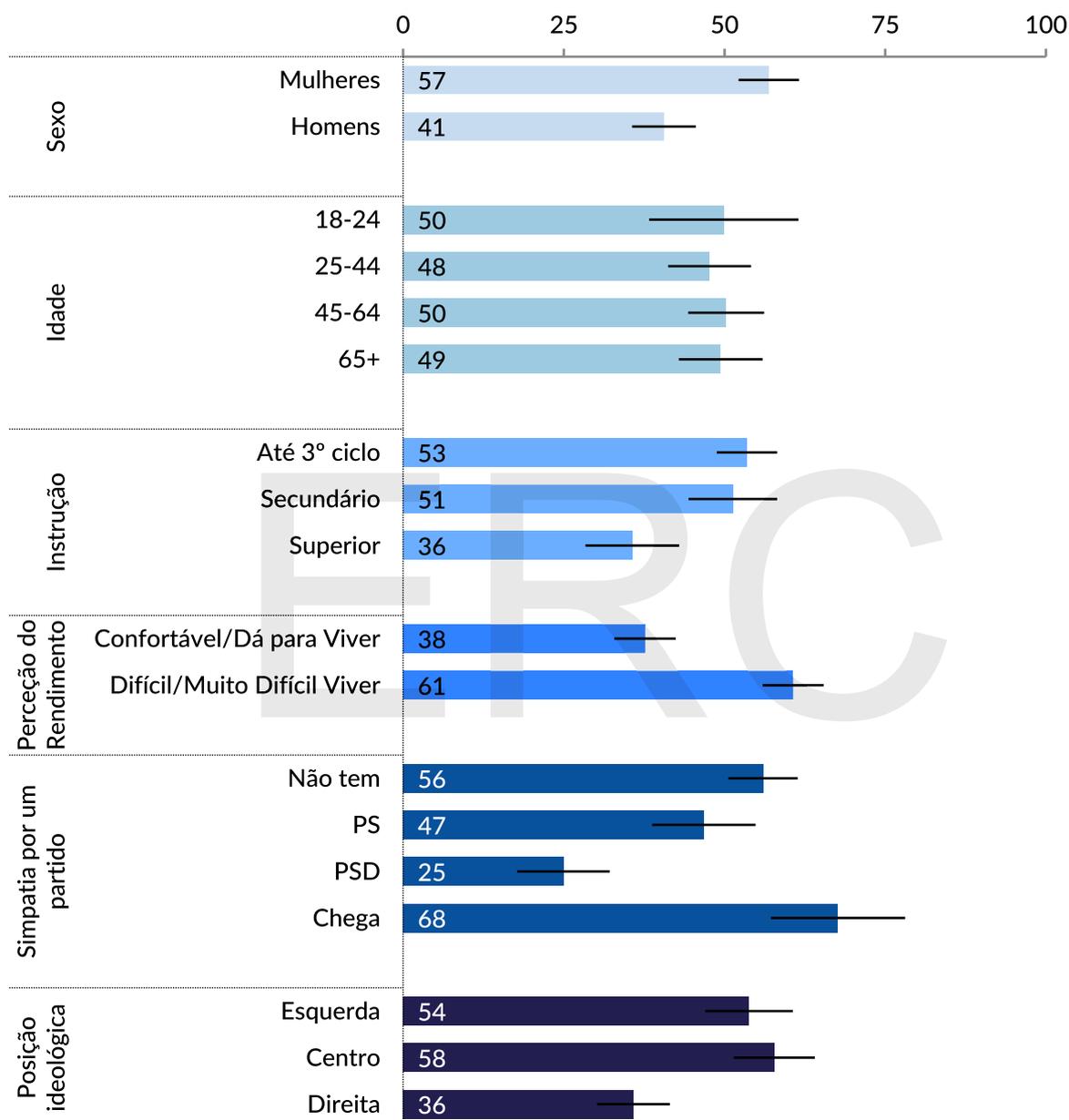
% em relação ao total da amostra



Recolha: 5 a 14 de abril de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

Quase metade dos inquiridos afirmaram achar que a situação da economia do país evoluiu de forma negativa ao longo do último ano: 38% disseram que a situação “piorou” e 11% que “piorou muito”. São apenas 17% os que perspetivam uma evolução positiva da economia portuguesa: 16% afirmaram que esta “melhorou” e 1% que “melhorou muito” nos últimos doze meses. Cerca de um terço dos inquiridos (33%) disse que a economia não sofreu qualquer alteração face ao ano passado, enquanto 1% afirmou não saber ou recusou responder.

A situação da economia "piorou" ou "piorou muito" % em relação ao total dos subgrupos



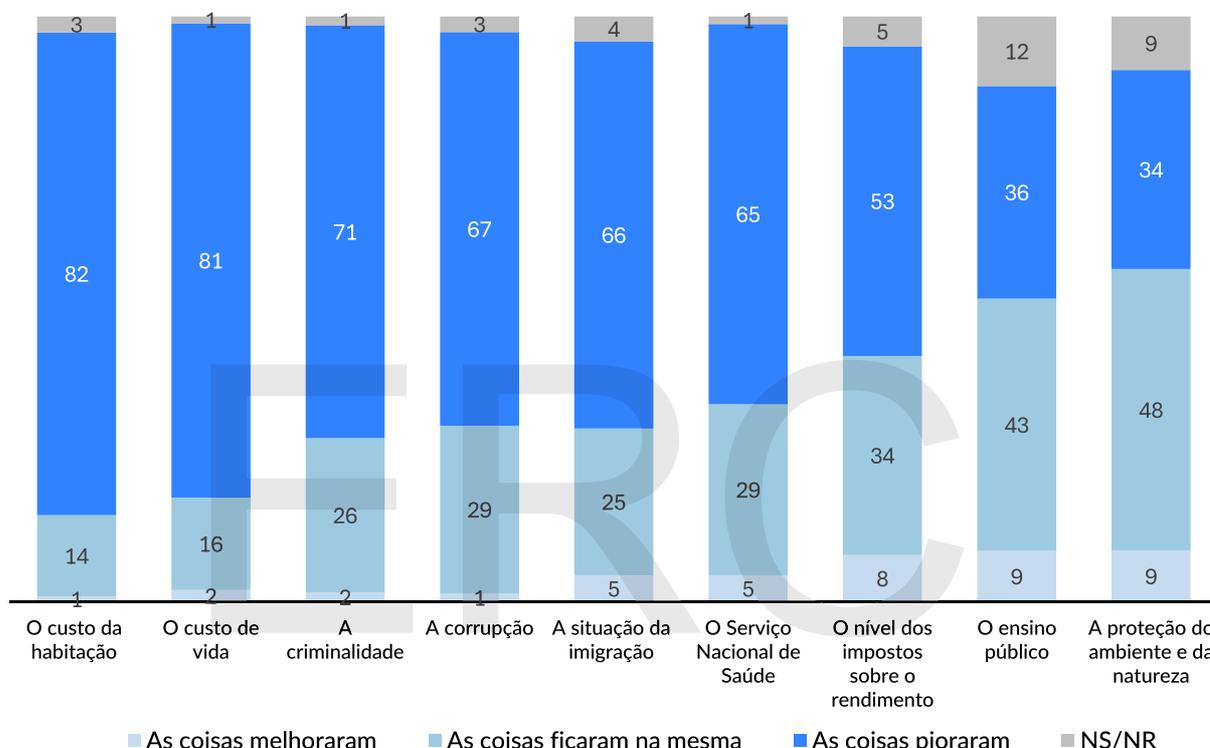
Recolha: 5 a 14 de abril de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

A propensão para considerar que a economia nacional evoluiu em sentido negativo é significativamente mais alta junto das mulheres (57%) do que dos homens (41%). Os inquiridos com formação ao nível do ensino superior distinguem-se dos restantes pelo facto de apenas uma minoria (36%) expressar esta opinião. O mesmo acontece no caso de quem consegue viver ou vive confortavelmente com o rendimento disponível (38%), de quem se define como sendo de direita (36%) e de quem simpatiza com o PSD (25%). O valor observado junto de quem simpatiza com o PS é quase duas vezes mais alto (47%). Trata-se de uma proporção estatisticamente indistinta da observada para quem não se identifica com qualquer partido (56%), mas significativamente mais baixa do que a relativa aos simpatizantes do Chega (68%).

4. Avaliação da evolução de diferentes aspetos da vida do país

"Gostaria de saber se considera que no último ano as coisas melhoraram, ficaram na mesma ou pioraram"

% em relação ao total da amostra

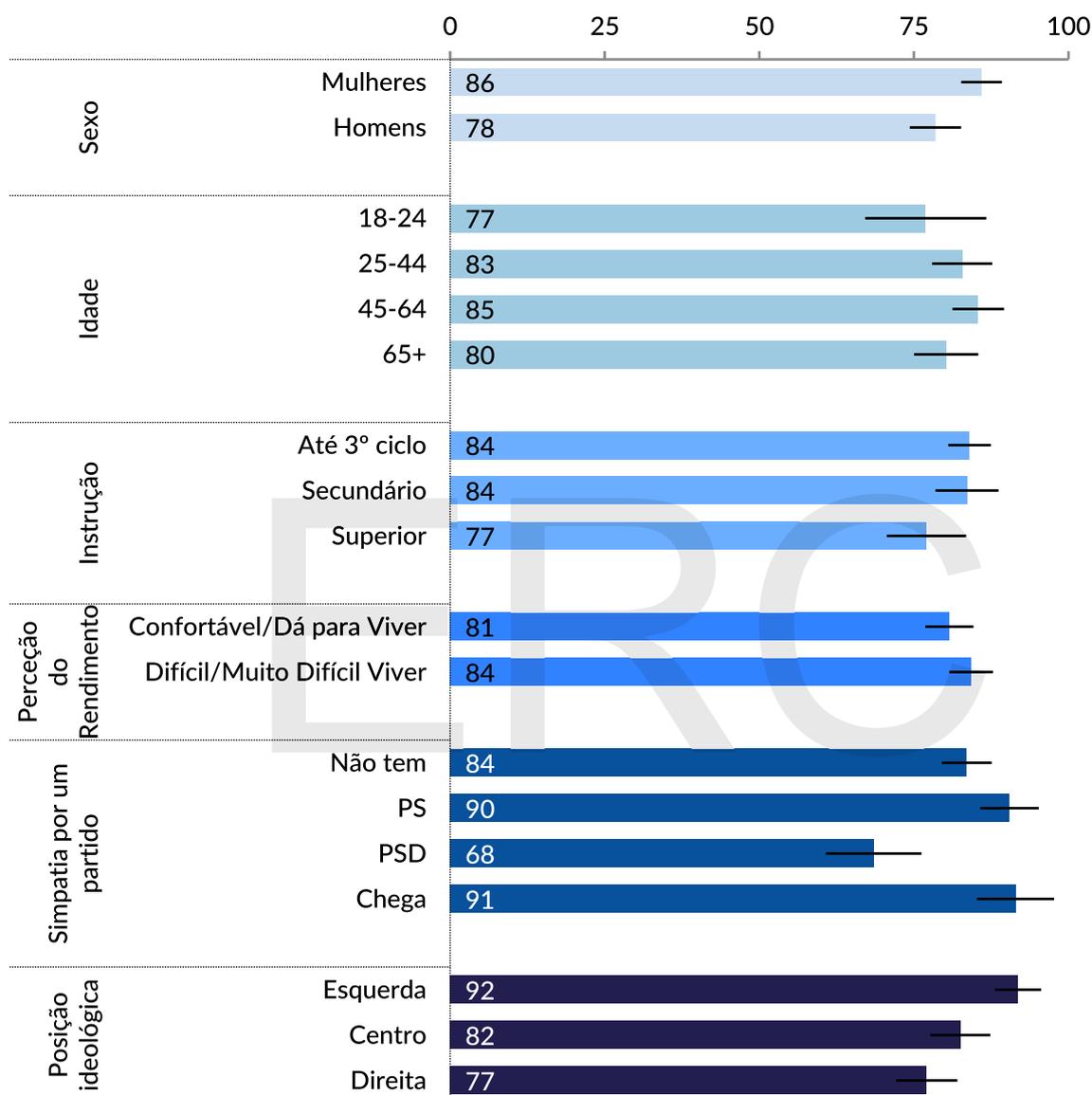


Recolha: 5 a 14 de abril de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

As percentagens de inquiridos que afirmaram que o custo da habitação e o custo de vida pioraram no último ano são muito expressivas (82% e 81%, respetivamente). São também maioritárias, embora mais baixas, as proporções dos que exprimiram a mesma opinião relativamente à criminalidade (71%), à corrupção (67%), à situação da imigração (66%), e ao Serviço Nacional de Saúde (65%). No que diz respeito aos impostos sobre o rendimento, os inquiridos dividem-se entre os que acham que a situação está agora pior (53%) e os que exprimem outras opiniões, sendo dentre estas a mais comum (34%) considerar que nada mudou ao longo do último ano. As opiniões dos inquiridos são menos negativas nos casos do ensino público e da proteção do ambiente e da natureza, temas em que se observa uma maior tendência para dizer que “as coisas ficaram na mesma” (43% e 48%, respetivamente). Estes são também os dois aspetos da vida do país aqui analisados relativamente aos quais maiores proporções de inquiridos disseram não saber ou recusaram responder (12% e 9%, respetivamente).

No último ano as coisas "pioraram": Custo da habitação

% em relação ao total dos subgrupos

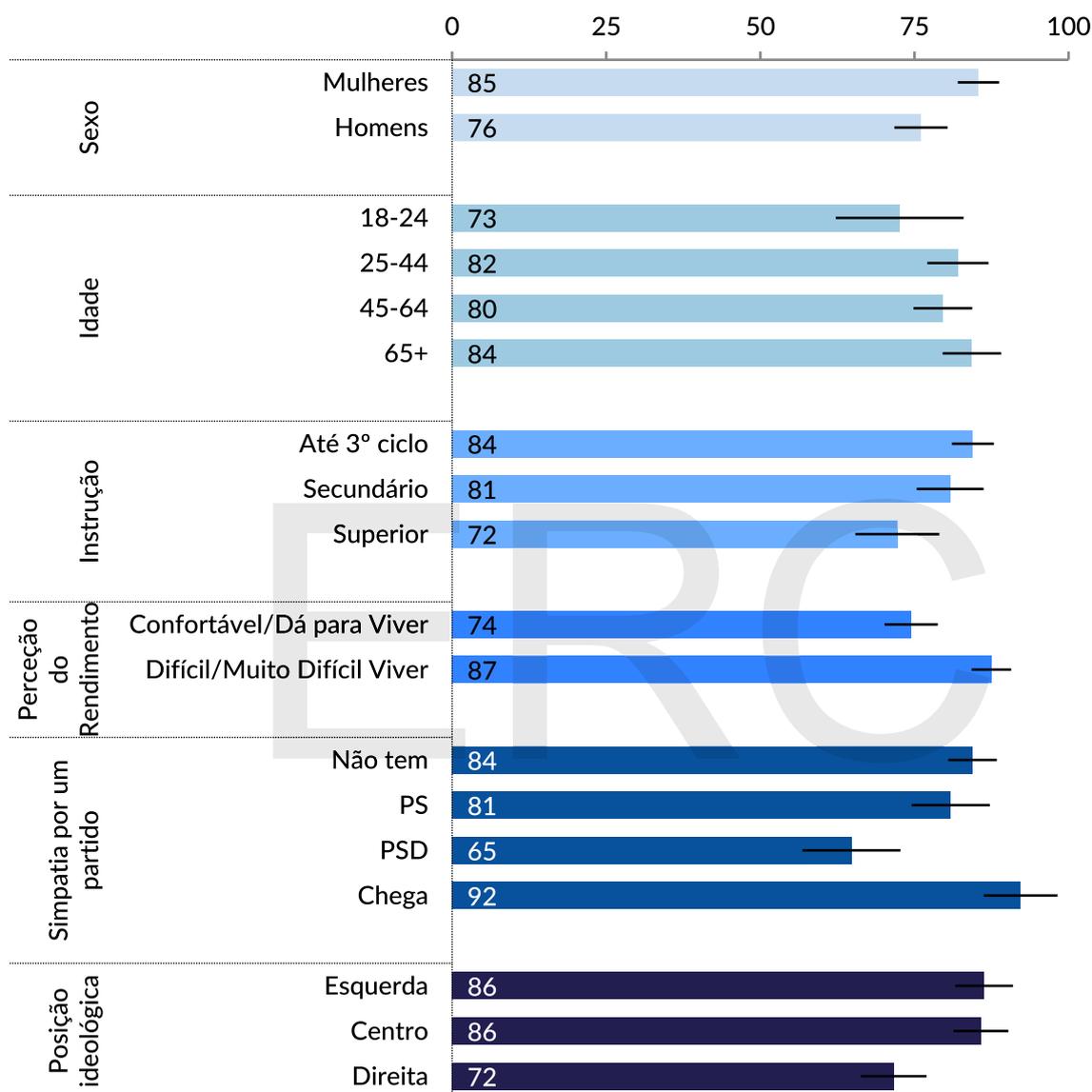


Recolha: 5 a 14 de abril de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

A propensão para afirmar que o custo da habitação piorou ao longo do último ano não varia significativamente em linha com o sexo, a idade, o nível de instrução ou o rendimento subjetivo dos inquiridos. As variáveis de natureza política são mais relevantes. Por um lado, apesar de exprimirem maioritariamente esta opinião (68%), os simpatizantes do PSD fazem-no menos frequentemente do que quem não se identifica com qualquer partido (84%), simpatiza com o PS (90%) ou simpatiza com o Chega (91%). A diferença entre o primeiro grupo e os últimos três é estatisticamente significativa. Por outro, esta opinião foi partilhada por 92% dos inquiridos que se posicionam à esquerda no espectro ideológico, sendo este valor significativamente mais alto que o observado junto dos que se posicionam ao centro (82%) e à direita (77%).

No último ano as coisas "pioraram": Custo de vida

% em relação ao total dos subgrupos

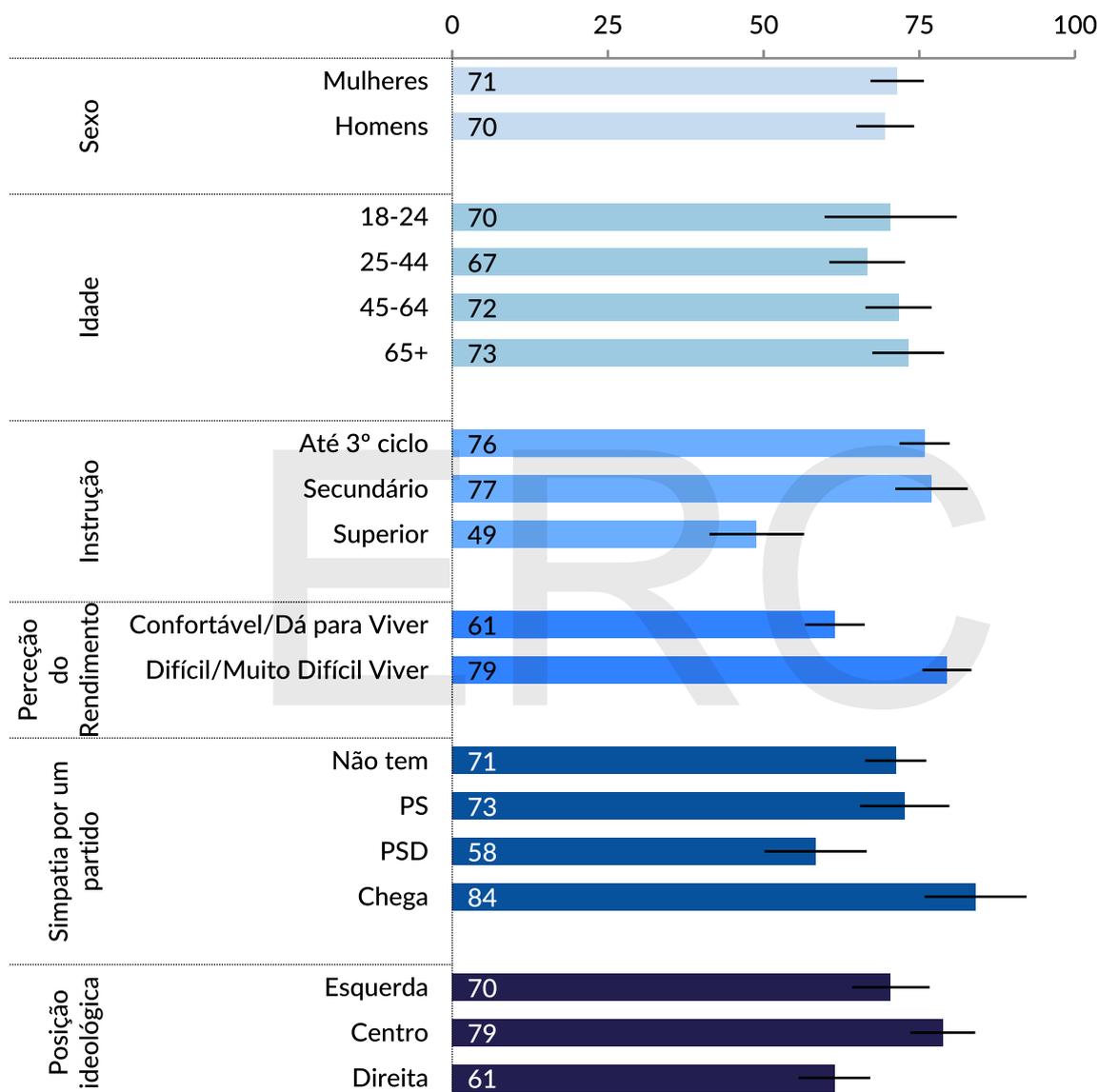


Recolha: 5 a 14 de abril de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

As mulheres (85%) disseram mais frequentemente do que os homens (76%) que o custo de vida piorou no último ano. Trata-se de uma opinião partilhada por 84% dos menos escolarizados e por 81% dos que completaram o ensino secundário, sendo estes valores significativamente mais elevados do que o relativo a quem possui formação universitária (72%). O rendimento percebido também é relevante, com situações mais difíceis associadas a uma maior propensão para achar que o custo de vida piorou. Quanto à simpatia partidária, 9 em cada 10 simpatizantes do Chega acham que a situação piorou, enquanto pouco mais de 80% dos simpatizantes do PS ou indivíduos sem identificação partidária exprimiram esta opinião. Esta diferença é estatisticamente significativa. O grupo dos que simpatizam com o PSD é, de entre os quatro grupos criados com base nas simpatias partidárias, aquele que apresenta o valor mais baixo: 65% dos que exprimem simpatia pelo principal partido no governo consideram que o custo de vida evoluiu de forma negativa ao longo do último ano. Por fim, 72% dos inquiridos de direita partilharam esta opinião, em contraste com os que se posicionam ao centro e à esquerda (86% nos dois casos).

No último ano as coisas "pioraram": Criminalidade

% em relação ao total dos subgrupos

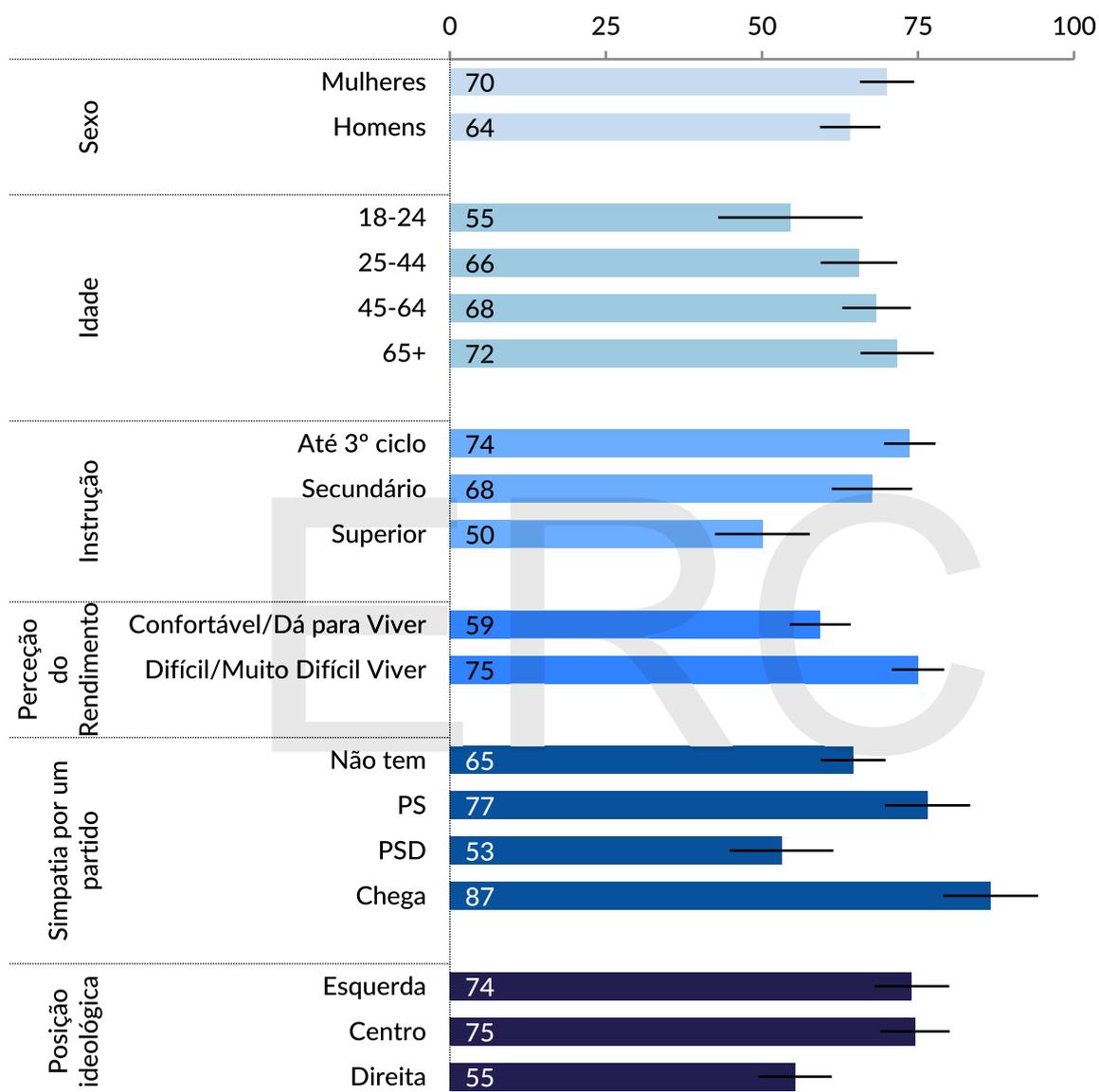


Recolha: 5 a 14 de abril de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

A percepção de que a criminalidade piorou ao longo do último ano é menos comum junto de quem tem instrução ao nível do ensino superior (49%) do que no caso de inquiridos com habilitações literárias mais baixas, cerca de três quartos dos quais expressaram esta opinião. Esta perspetiva é, ainda, mais comum junto de quem revela dificuldades em viver com o rendimento disponível (79%) do que no caso daqueles cuja situação financeira é melhor (61%). No caso dos inquiridos que simpatizam com o Chega, a expressão desta opinião é mais comum (84%) do que entre os que não têm identificação partidária (71%) e, marginalmente, entre quem disse simpatizar com o PS (73%). Entre os simpatizantes do PSD, a percepção de que a criminalidade piorou no último ano é menos frequente, embora seja ainda maioritária (58%). Por fim, quem se definiu como sendo de direita expressou menos esta opinião (61%) do que quem disse ser de esquerda (70%), sendo estes últimos inquiridos significativamente menos propensos a partilhar esta perspetiva do que os que se posicionaram no centro do espetro ideológico (79%).

No último ano as coisas "pioraram": Corrupção

% em relação ao total dos subgrupos

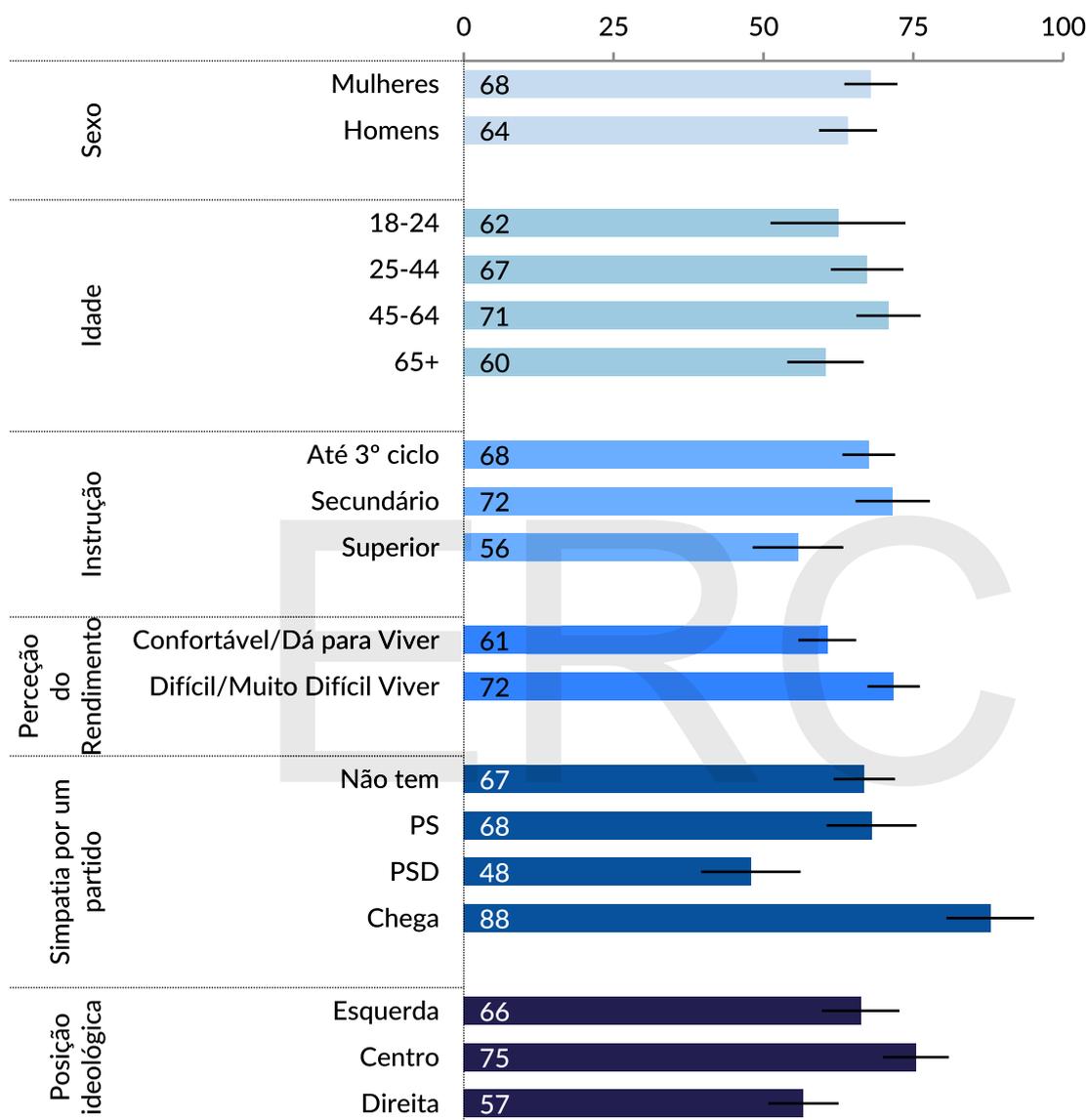


Recolha: 5 a 14 de abril de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

Os inquiridos mais jovens, com 24 anos ou menos, disseram achar que a corrupção em Portugal piorou menos frequentemente (55%) do que os mais velhos, com 65 ou mais anos (72%). Quanto à instrução, a diferença encontra-se, mais uma vez, entre quem tem e não tem formação universitária, sendo os primeiros muito menos propensos a exprimir esta opinião (50%). O rendimento está também associado a diferenças significativas na tendência para achar que a corrupção piorou em Portugal: trata-se de uma posição expressa por 75% dos que reportam dificuldades em viver com o rendimento do agregado familiar, mas apenas por 59% dos que vivem mais desafogadamente. Se apenas cerca de metade dos simpatizantes do PSD partilharam este ponto de vista, entre os que disseram não simpatizar com qualquer partido a sua expressão é significativamente mais frequente (65%). A percentagem dos que dizem que a corrupção no país está pior é ainda mais elevada entre os simpatizantes do PS (77%) e do Chega (87%).

No último ano as coisas "pioraram": Imigração

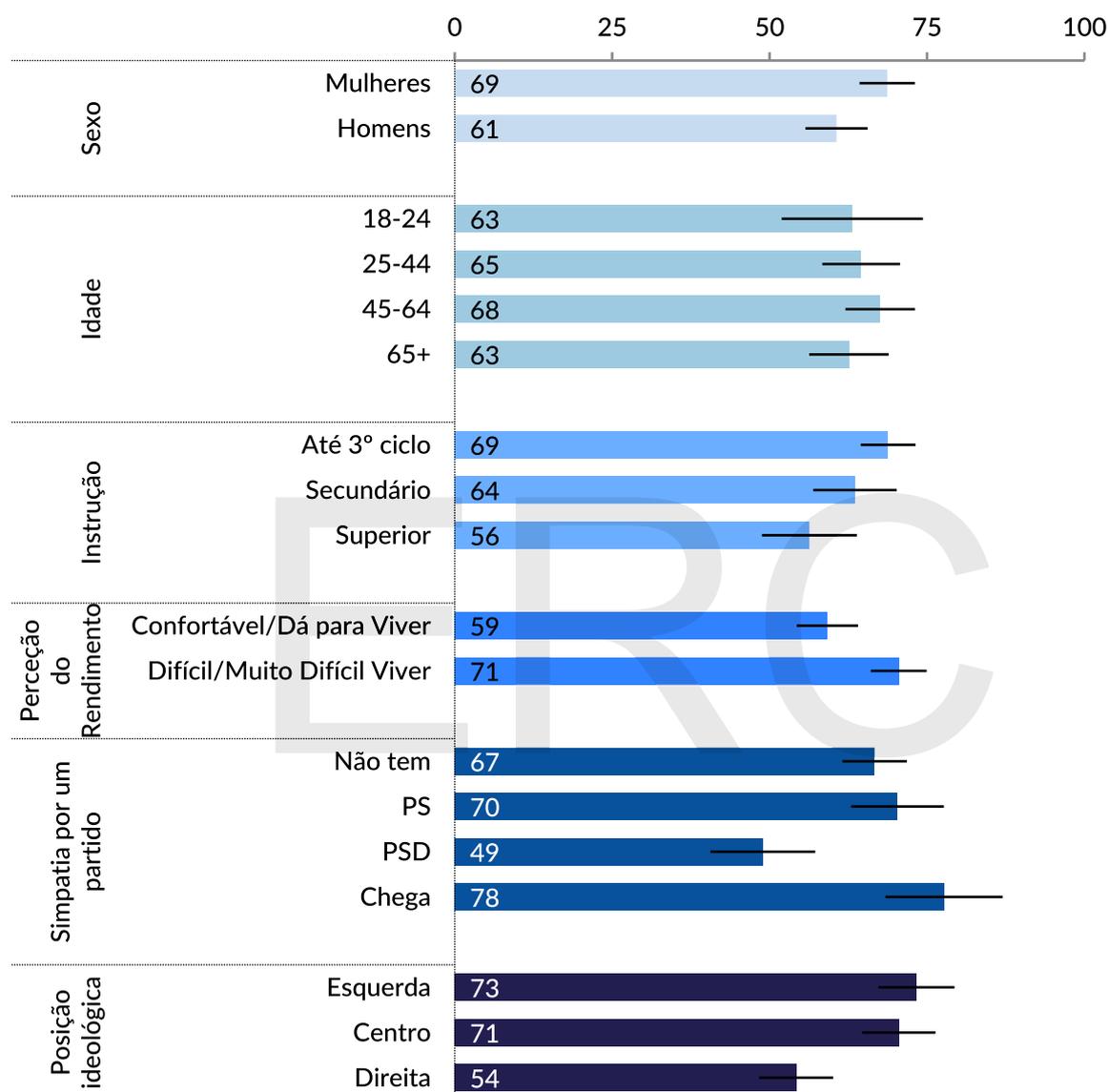
% em relação ao total dos subgrupos



Recolha: 5 a 14 de abril de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

No que diz respeito à imigração, os inquiridos com idades entre 45 e 64 anos foram os que mais frequentemente expressaram a ideia de que a situação piorou (71%), o que contrasta com a menor tendência para o fazer por parte dos mais idosos (60%). É também junto daqueles sem formação universitária e com mais dificuldades em viver com o rendimento disponível que esta opinião é mais frequente. A ideia de que a situação da imigração piorou ao longo do último ano é abraçada por metade dos simpatizantes do PSD, por cerca de dois terços dos que não reportam identificação partidária ou simpatizam com o PS, e por quase 90% dos que se identificam com o Chega. Os inquiridos de direita expressaram menos esta percepção (57%) do que os de esquerda (66%), sendo aqueles que se posicionam no centro da escala os que mais consideram que a situação da imigração está pior (75%).

No último ano as coisas "pioraram": Serviço Nacional de Saúde
% em relação ao total dos subgrupos

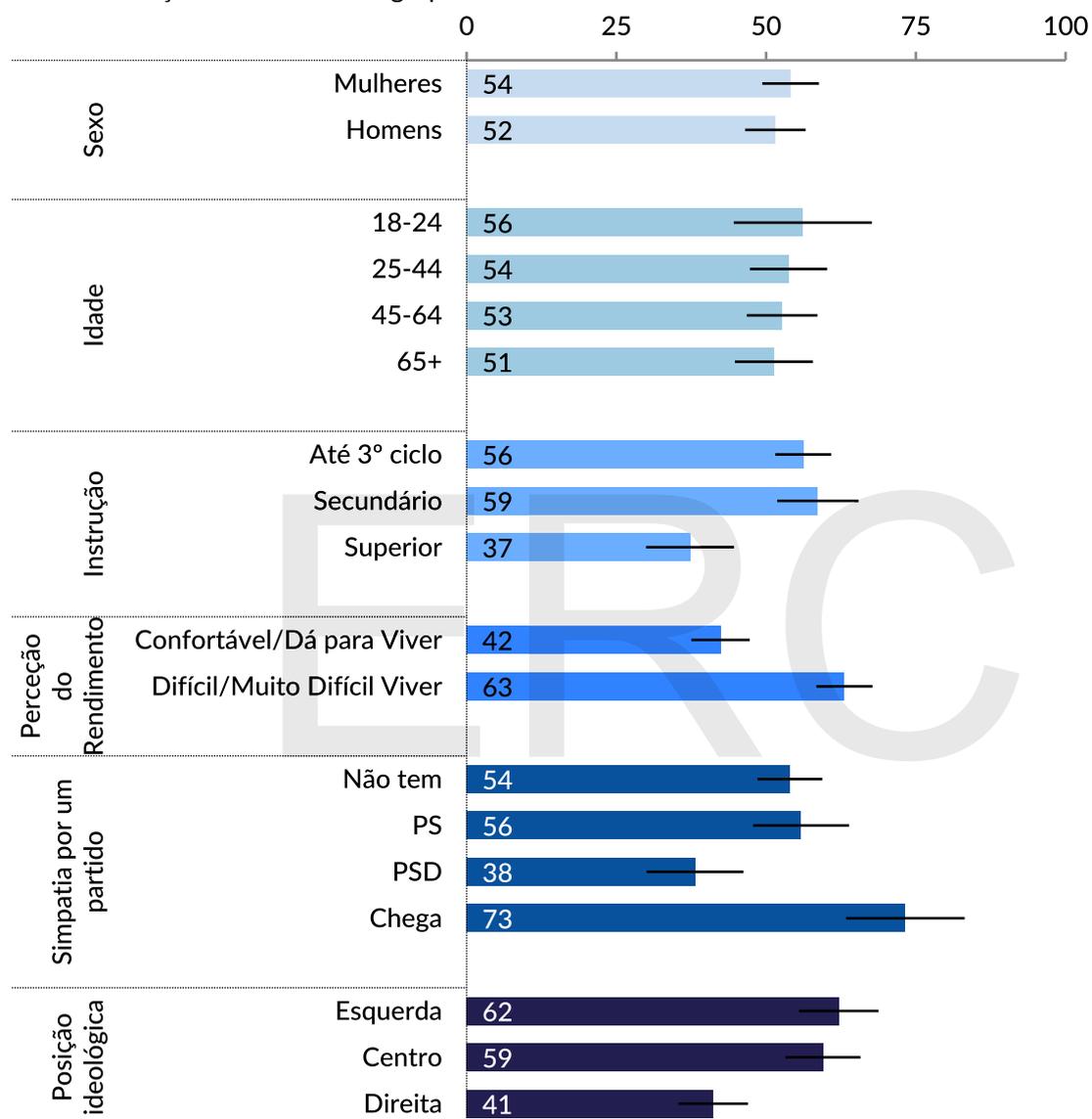


Recolha: 5 a 14 de abril de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

A percepção de que a situação do Serviço Nacional de Saúde piorou no último ano é significativamente mais frequente entre as mulheres (69%) do que entre os homens (61%), bem como junto dos que apresentam níveis de instrução mais baixos (69%) quando comparados com quem possui diploma universitário (56%). Os que vivem com mais dificuldades também tendem a exprimir mais esta opinião (71%) do que aqueles cujos rendimentos lhes proporcionam uma vida menos árdua (59%). Quanto à identificação partidária, a diferença mais flagrante é entre os simpatizantes do PSD (49%) e os inquiridos pertencentes aos outros três grupos, sendo estes últimos significativamente mais propensos a achar que a situação do Serviço Nacional de Saúde piorou no último ano. Por fim, os inquiridos posicionados à esquerda e no centro da escala ideológica exprimiram mais frequentemente este ponto de vista (73% e 71%, respetivamente) do que os que declararam ser de direita (54%).

No último ano as coisas "pioraram": Impostos sobre o rendimento

% em relação ao total dos subgrupos



Recolha: 5 a 14 de abril de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

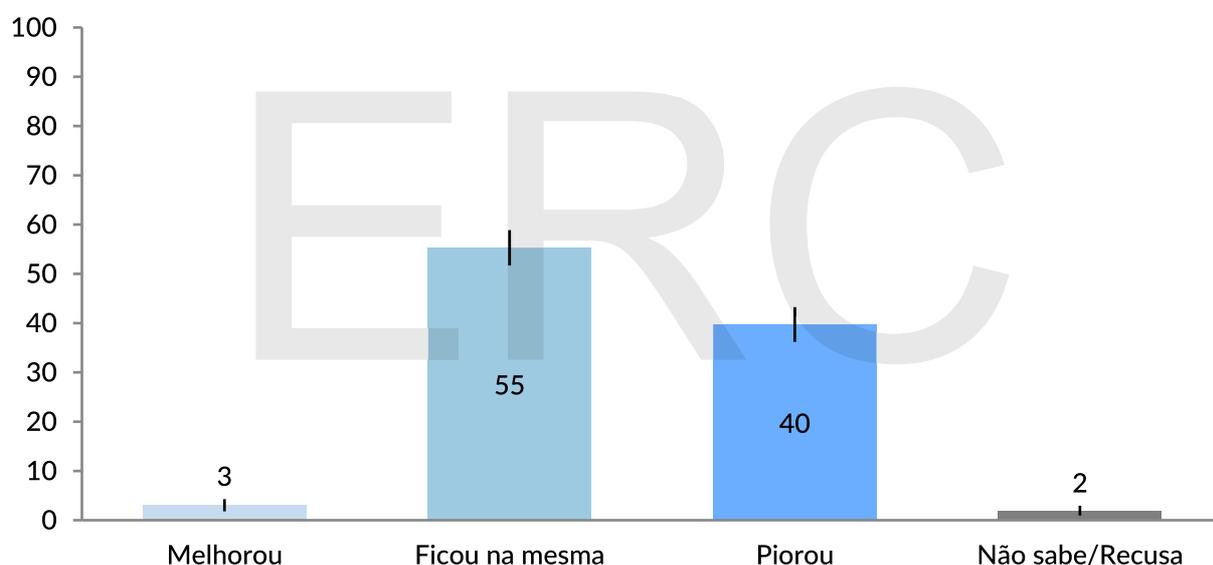
Por fim, o nível dos impostos sobre o rendimento. Apenas cerca de dois quintos dos inquiridos com diplomas universitários ou melhores rendimentos consideram que a situação relativa a estes impostos piorou no último ano, enquanto nas faixas menos escolarizadas e com maiores dificuldades financeiras esta opinião foi expressa por aproximadamente 60%. Quanto às variáveis políticas, cerca de três quartos dos simpatizantes do Chega acham que o nível dos impostos sobre o rendimento piorou, valor que contrasta com os identificados junto dos simpatizantes do PS e dos que não se identificam com qualquer partido (56% e 54%, respetivamente). Ao mesmo tempo, apenas 38% dos simpatizantes do PSD exprimiram esta opinião. Os inquiridos de direita são significativamente menos propensos a expressar uma avaliação negativa da evolução do nível dos impostos sobre o rendimento (41%) do que os de centro e de esquerda (59% e 62%, respetivamente).

5. Impactos das controvérsias em torno do primeiro-ministro

Nesta sondagem, 92% dos inquiridos afirmaram ter lido ou ter ouvido falar a respeito das “controvérsias em torno da conduta do primeiro-ministro Luís Montenegro”; os restantes 8% responderam que não chegou até si informação sobre este assunto. A análise apresentada nesta secção foca-se apenas nos inquiridos que se declararam informados a respeito desta questão.

"Em consequência destas controvérsias e dos acontecimentos que se seguiram, diria que a sua opinião a respeito de Luís Montenegro melhorou, ficou na mesma ou piorou?"

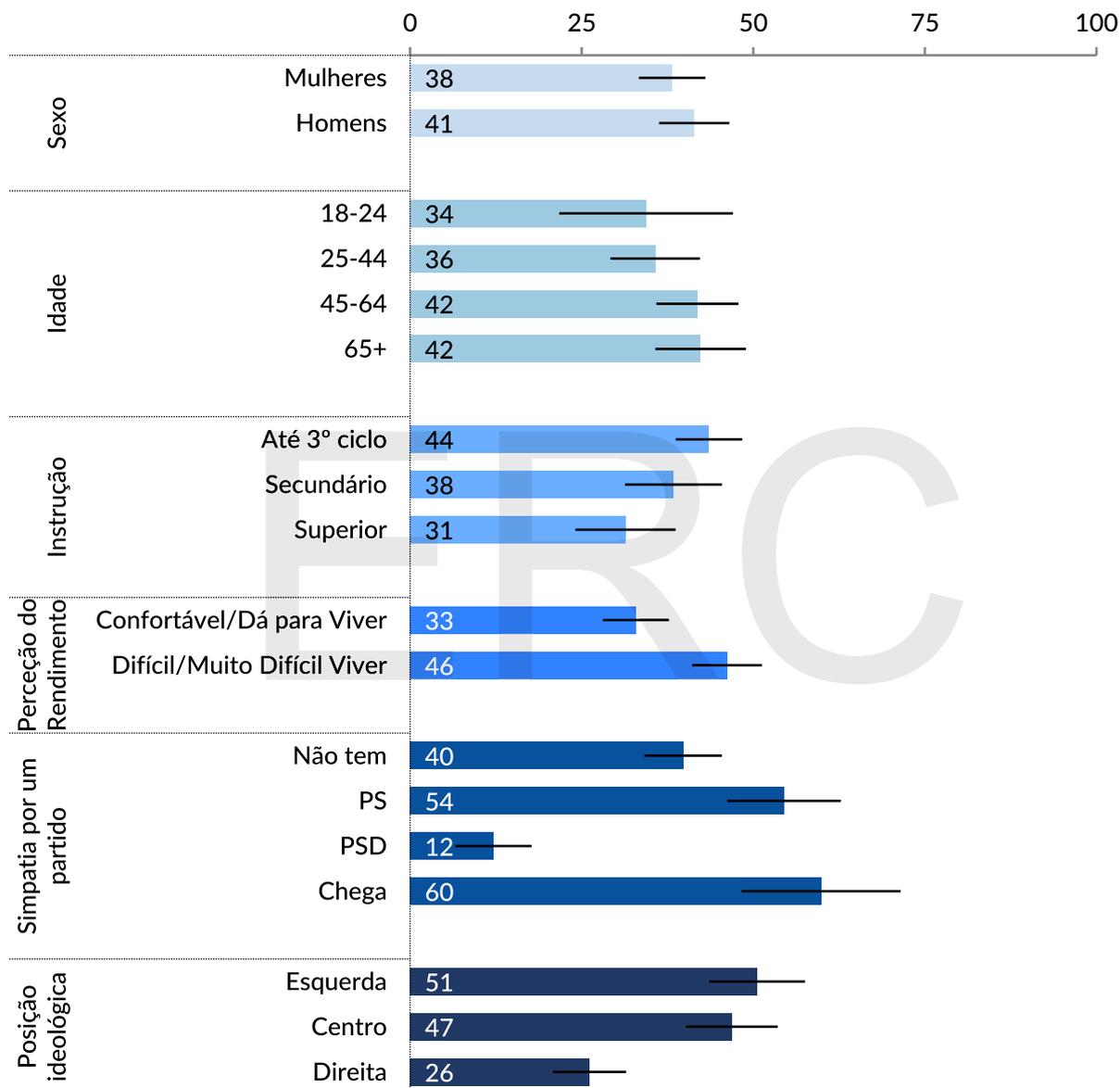
% em relação ao total do subgrupo que disse ter lido ou ouvido falar sobre o assunto



Recolha: 5 a 14 de abril de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

A maioria dos inquiridos (55%) disse que a sua opinião sobre Luís Montenegro não mudou devido às controvérsias em torno da sua conduta e dos acontecimentos que se seguiram. Por sua vez, 40% disseram que a opinião que têm do primeiro-ministro “piorou”. São residuais as proporções dos que afirmaram ter agora uma melhor opinião de Montenegro (3%) e dos que disseram não saber ou recusaram responder a esta pergunta (2%).

Em consequência destas controvérsias e dos acontecimentos que se seguiram, a opinião a respeito de Luís Montenegro "piojou" % em relação ao total dos subgrupos

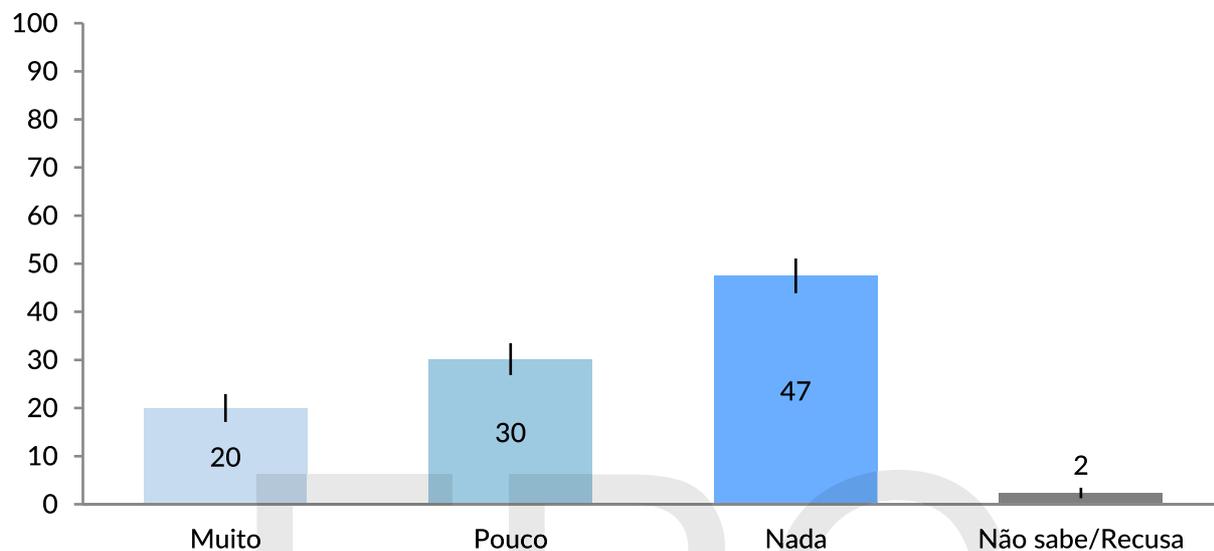


Recolha: 5 a 14 de abril de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

A maioria dos inquiridos que se definem como sendo de esquerda (51%), dos simpatizantes do PS (54%) e dos simpatizantes do Chega (60%) afirmou que as controvérsias em torno da conduta do primeiro-ministro fizeram com que a opinião a seu respeito piorasse. Por outro lado, só 26% dos inquiridos auto posicionados à direita no espectro ideológico e 12% dos que dizem simpatizar com o PSD exprimiram este ponto de vista. No que diz respeito a variáveis socioeconómicas, destacam-se a instrução e o rendimento: aqueles que possuem diplomas universitários (31%) e os que vivem melhor com o rendimento disponível (33%) são menos propensos a afirmar que a sua opinião sobre Montenegro piorou do que, respetivamente, os que apresentam níveis de instrução mais baixos (44%) e os que reportam mais dificuldades em viver com o rendimento do seu agregado familiar (46%).

"Em que medida diria que estas controvérsias afetam a sua decisão sobre o que vai fazer nas eleições legislativas de 18 de maio?"

% em relação ao total do subgrupo que disse ter lido ou ouvido falar sobre o assunto



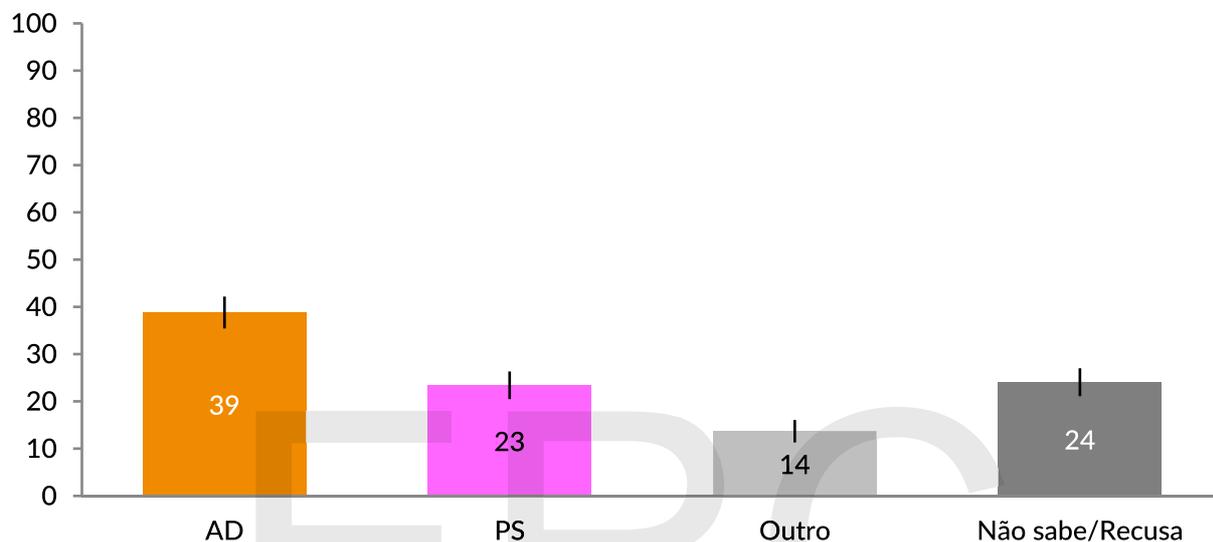
Recolha: 5 a 14 de abril de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

Por fim, 47% dos inquiridos que leram ou ouviram falar destas controvérsias disseram que estas não afetam “nada” a sua decisão sobre o que fazer nas eleições legislativas de 18 de maio, 30% afirmaram que afetam “pouco” e 20% “muito”. Apenas 2% recusaram responder a esta pergunta ou disseram não saber.

5. Quem vai ter mais votos nas legislativas de 18 de maio?

"Que partido ou coligação acha que vai ter mais votos nestas eleições legislativas?"

% em relação ao total da amostra



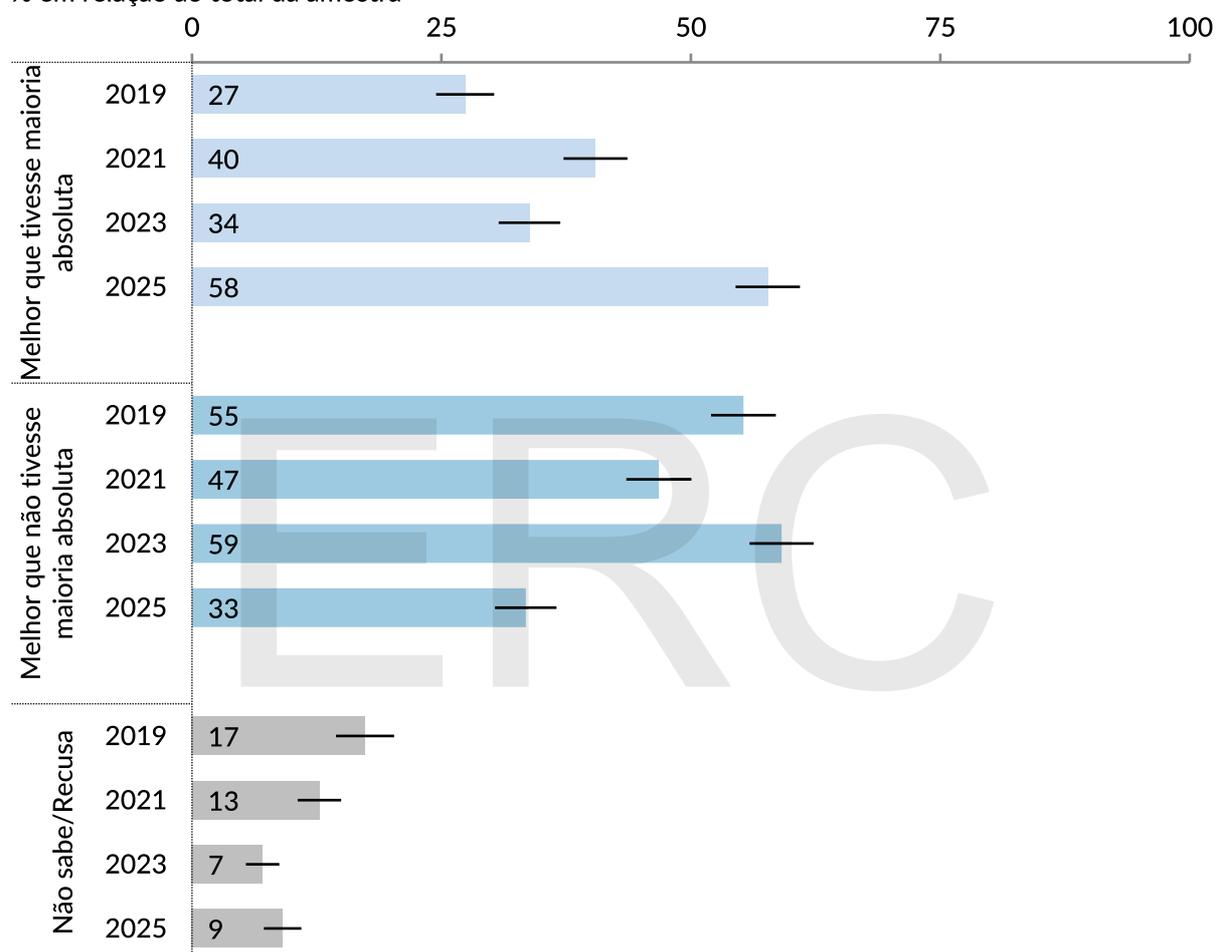
Recolha: 5 a 14 de abril de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

Voltamos agora à análise dos dados relativos à totalidade da amostra, observando que 39% dos inquiridos acreditam que a AD será a força política mais votada no dia 18 de maio, enquanto menos de um quarto (23%) afirmou que será o PS a posicionar-se em primeiro lugar e uma proporção similar disse não saber ou recusou responder. Os inquiridos que acham que será outra força política a obter mais votos correspondem a 14% da amostra.

6. Maioria absoluta preferível?

"Acha que seria melhor que o vencedor tivesse uma maioria absoluta dos deputados ou seria melhor que não tivesse uma maioria absoluta?"

% em relação ao total da amostra



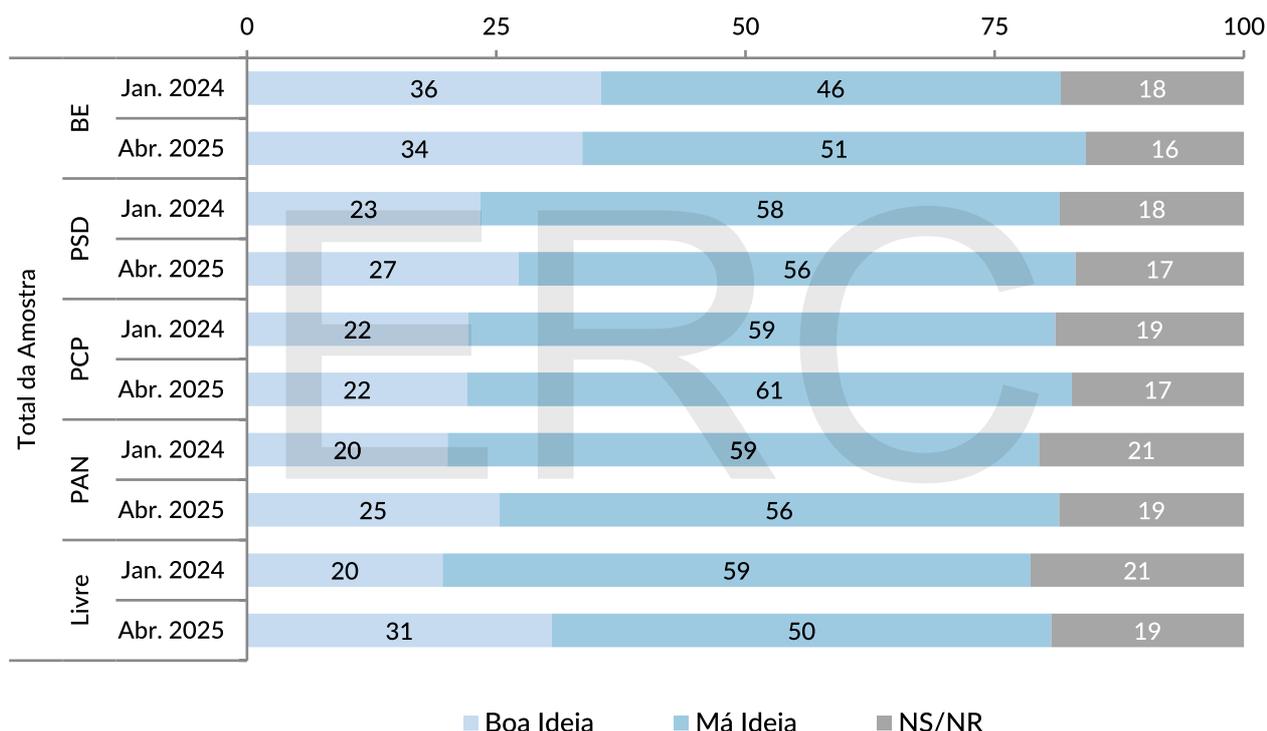
Nesta sondagem, voltámos a pedir aos inquiridos que expressassem uma preferência entre dois cenários: o vencedor das eleições legislativas obter ou não obter uma maioria absoluta dos assentos parlamentares. Um terço dos inquiridos disse achar preferível que o vencedor não obtenha maioria absoluta, enquanto 58% mostraram preferir que essa maioria se concretize. Em comparação com os padrões observados em setembro de 2019, dezembro de 2021 e novembro de 2023, há desta vez uma clara preferência por um resultado eleitoral que conceda à força política mais votada uma maioria absoluta no parlamento.

7. Preferências de negociação se o líder do PS for indicado para formar governo, mas não tiver maioria

7.1. Total da amostra

"Para o PS conseguir formar governo, é uma boa ideia ou uma má ideia tentar fazer acordos políticos com cada um dos seguintes partidos?"

% em relação ao total da amostra

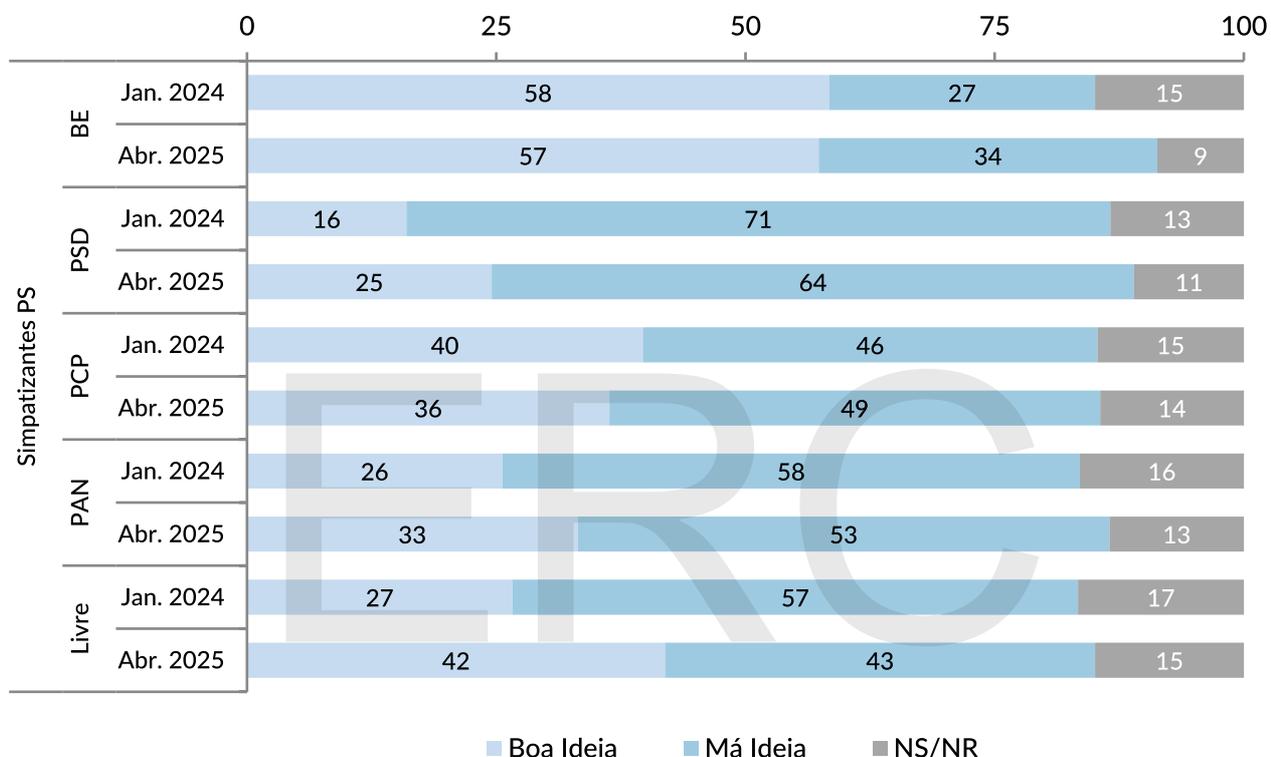


Confrontados com um cenário pós-eleitoral em que Pedro Nuno Santos é indicado para formar governo num contexto em que o seu partido não tem maioria, a maioria dos inquiridos considerou “má ideia” o PS tentar fazer acordos com o Livre (50%), com o BE (51%), com o PAN (56%), com o PSD (56%) e com o PCP (61%). Tentar estabelecer acordos com o BE e o Livre são as únicas possibilidades perspectivadas de forma favorável por mais de 30% dos inquiridos. Em comparação com janeiro de 2024, a principal diferença é uma maior abertura ao estabelecimento de acordos políticos entre o PS e o Livre: se há cerca de um ano apenas 20% achavam que tal era uma “boa ideia”, nesta sondagem 31% exprimem esta opinião. De destacar que cerca de um quinto dos inquiridos disse não saber ou optou por não responder a estas questões.

7.2. Simpatizantes do PS

"Para o PS conseguir formar governo, é uma boa ideia ou uma má ideia tentar fazer acordos políticos com cada um dos seguintes partidos?"

% em relação ao subgrupo de simpatizantes do PS



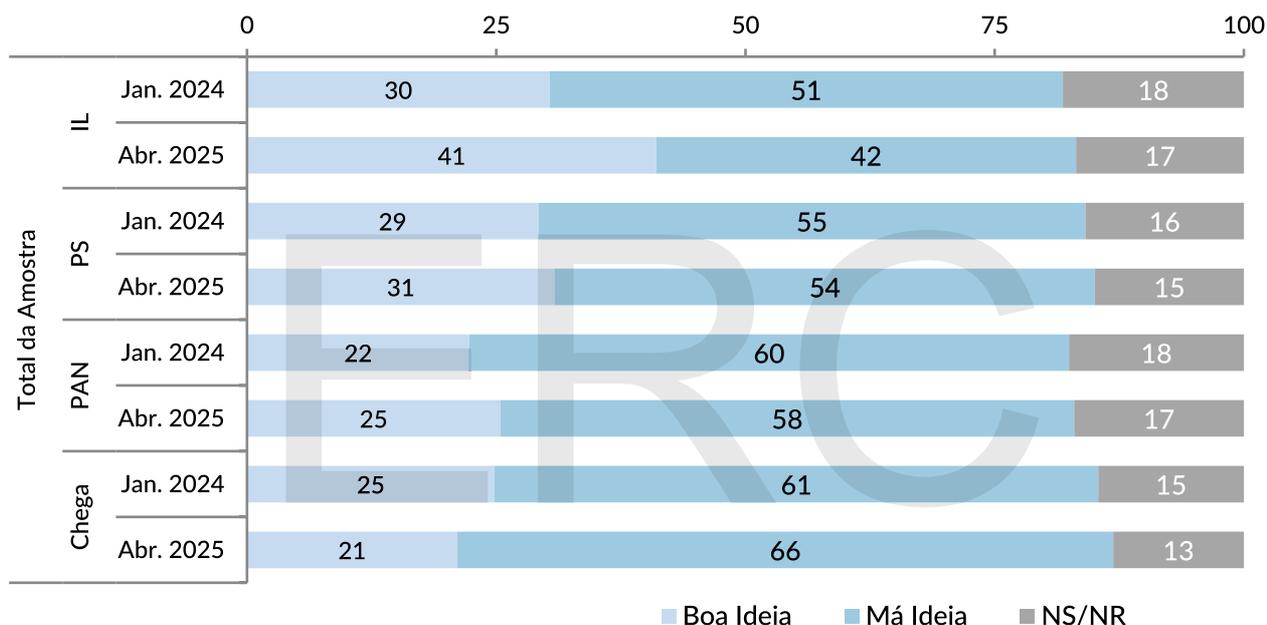
Tal como em janeiro de 2024, a maioria dos simpatizantes do PS considera que se este partido não obtiver uma maioria dos assentos parlamentares, é “uma boa ideia” tentar estabelecer um acordo com o BE. A principal diferença face a 2024 diz respeito à proporção dos simpatizantes socialistas que acham “boa ideia” o PS negociar com o Livre ter passado de 27% para 42%. Observam-se também aumentos, ainda que mais modestos, nas percentagens dos que olham favoravelmente para a possibilidade de os socialistas negociarem com o PSD (de 16% para 25%) ou com o PAN (de 26% para 33%).

8. Preferências de negociação se o líder da AD for indicado para formar governo, mas não tiver maioria

8.1. Total da amostra

"Para a AD conseguir formar governo, é uma boa ideia ou uma má ideia tentar fazer acordos políticos com cada um dos seguintes partidos?"

% em relação ao total da amostra



Recolha: 5 a 14 de abril de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

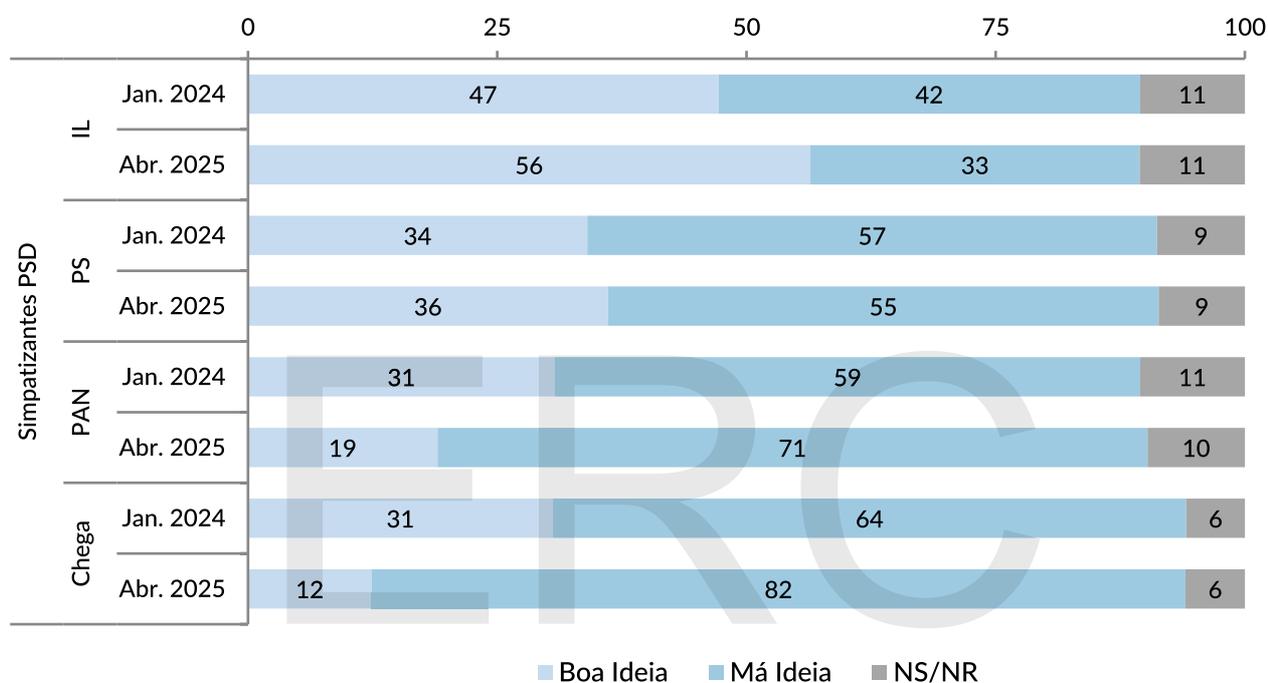
Num cenário em que a AD foi a força política mais votada mas não conseguiu obter uma maioria dos assentos parlamentares, a possibilidade menos rejeitada é a AD negociar com a IL: 41% acham que é uma “boa ideia”, embora 42% a considerem uma “má ideia”. Tentar fazer acordos políticos com o PS, com o Chega e com o PAN é visto de forma desfavorável pela maioria dos inquiridos. Em comparação com janeiro de 2024¹, o padrão mais evidente é o aumento dos que dizem achar “boa ideia” a AD negociar com a IL – se no ano passado apenas 30% expressavam esta opinião, hoje são 41%.

¹ No questionário para a sondagem cujo trabalho de campo tomou lugar em janeiro de 2024, esta questão fazia referência ao PSD e não à AD.

8.2. Simpatizantes do PSD

"Para a AD conseguir formar governo, é uma boa ideia ou uma má ideia tentar fazer acordos políticos com cada um dos seguintes partidos?"

% em relação ao subgrupo de simpatizantes do PSD



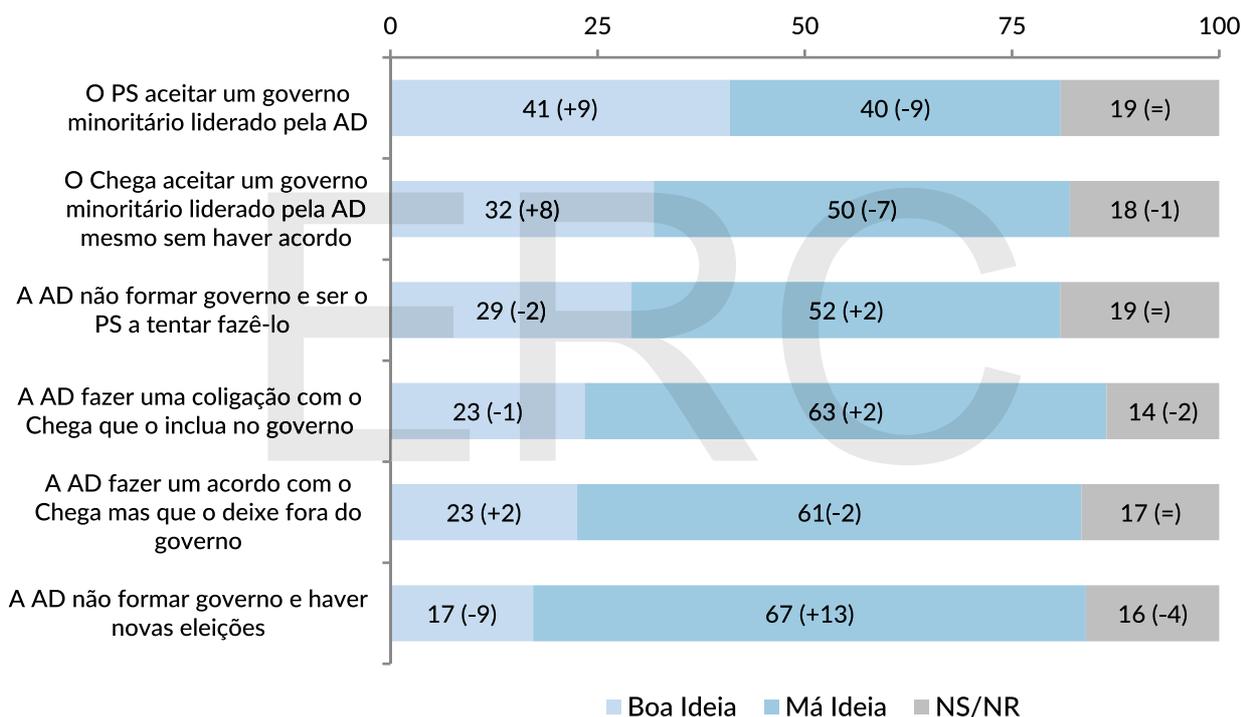
Entre os inquiridos que disseram simpatizar com o PSD, há apenas uma possibilidade vista maioritariamente com bons olhos: negociar com a IL (56%). Os membros deste subgrupo mostram-se particularmente desfavoráveis – e mais desfavoráveis do que em janeiro de 2024 – a negociações com o PAN e, sobretudo, com o Chega. Neste estudo, quatro em cada cinco simpatizantes do PSD consideram que negociar com o Chega é uma “má ideia”.

9. Preferências de negociação se o líder da AD for indicado para formar governo e o Chega for necessário para uma maioria de direita

9.1. Total da amostra

"Acha que é uma boa ideia ou uma má ideia..."

% em relação ao total da amostra; entre parêntesis, mudança em relação ao estudo de janeiro de 2024



Recolha: 5 a 14 de abril de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

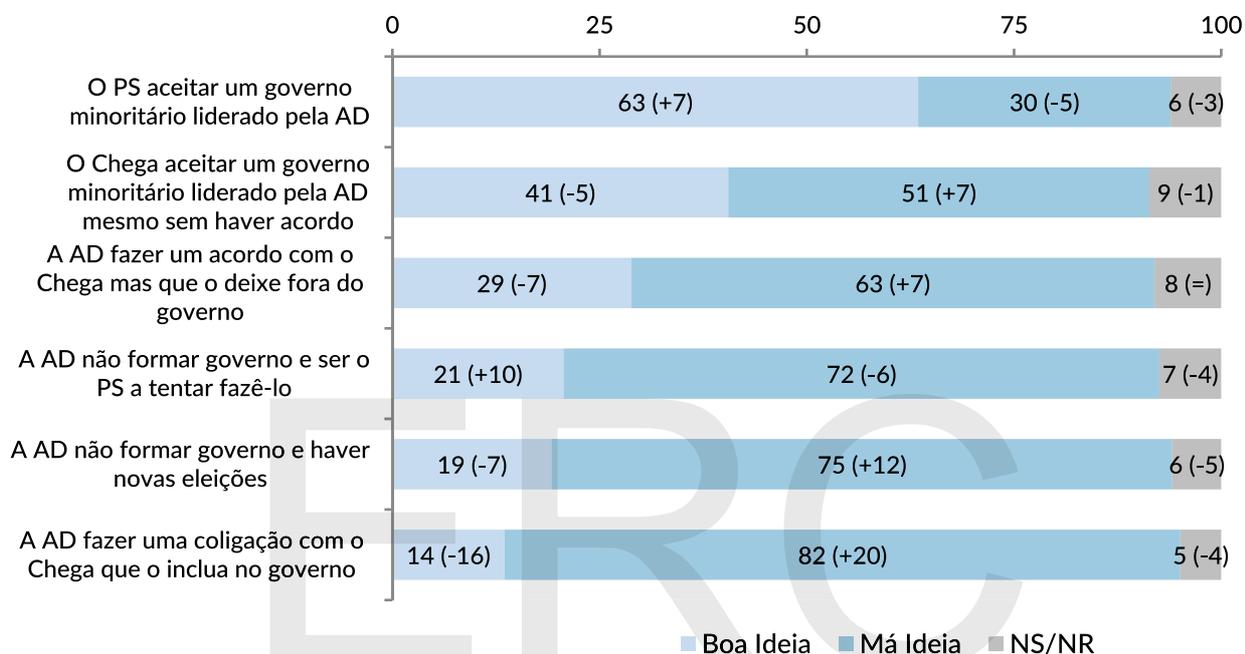
Quando confrontados com um cenário pós-eleitoral em que a AD foi a força política mais votada mas o Chega é necessário para uma maioria de direita, a solução que mais inquiridos consideram ser uma “boa ideia” (41%) é o PS aceitar um governo minoritário da AD. Ainda assim, os inquiridos estão divididos a este respeito, já que 40% consideram esta possibilidade uma “má ideia”. Quanto às restantes possibilidades apresentadas, a maioria dos inquiridos olha para elas de modo desfavorável, sendo tal particularmente notório no caso da convocação de um novo escrutínio eleitoral: 67% acham que a AD não formar governo e haver novas eleições é uma “má ideia”. Em comparação com janeiro de 2024², destaca-se uma mais forte rejeição da convocação de novas eleições (no ano passado, eram apenas 54% os que consideravam esta possibilidade uma má ideia), bem como um menor ceticismo face à aceitação de um governo minoritário da AD por parte do PS (49% achavam má ideia) e do Chega (57% olhavam negativamente para esta possibilidade).

² No questionário para a sondagem cujo trabalho de campo tomou lugar em janeiro de 2024, esta questão fazia referência ao PSD e não à AD.

9.2. Simpatizantes do PSD

"Acha que é uma boa ideia ou uma má ideia..."

% em relação ao subgrupo de simpatizantes do PSD; entre parêntesis, mudança em relação ao estudo de janeiro de 2024



Recolha: 5 a 14 de abril de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

Os dados apresentados neste gráfico dizem respeito às opiniões dos inquiridos que disseram simpatizar com o PSD. Verificamos que neste subgrupo a única possibilidade considerada “boa ideia” por uma maioria (63%) é o PS aceitar um governo minoritário da AD. Por outro lado, a perspectiva de uma coligação entre a AD e o Chega é, de todas as possibilidades apresentadas, aquela que menos simpatizantes sociais-democratas (14%) acham “boa ideia”.

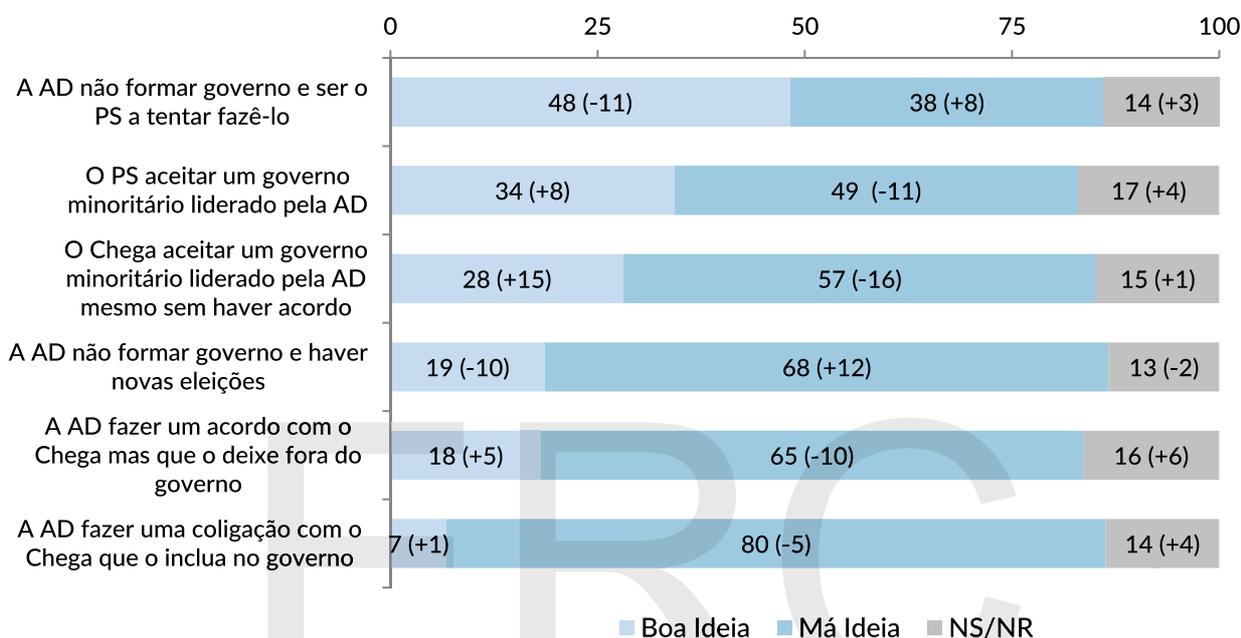
Em relação à totalidade da amostra, há neste subgrupo uma perspectiva mais favorável face à aceitação de um governo minoritário da AD por parte do PS, algo que é considerado “boa ideia” por apenas 41% de todos os inquiridos mas por 63% dos simpatizantes do PSD. Há também uma maior proporção de inquiridos a achar “má ideia” ser o PS a tentar formar governo nestas condições (72% entre os simpatizantes do PSD vs. 52% na amostra completa), ou a AD entabular com o Chega negociações que passem por incluí-lo no governo (82% dos simpatizantes do PSD olham desfavoravelmente para esta possibilidade, enquanto na totalidade da amostra são apenas 63% a fazê-lo).

Por fim, em comparação com o estudo de janeiro de 2024, o padrão mais expressivo é uma ainda mais maioritária rejeição da inclusão do Chega num governo liderado pela AD: se há pouco mais de um ano 62% achavam que era uma “má ideia”, agora são 82% a dizê-lo.

9.3. Simpatizantes do PS

"Acha que é uma boa ideia ou uma má ideia..."

% em relação ao subgrupo de simpatizantes do PS; entre parêntesis, mudança em relação ao estudo de janeiro de 2024



Recolha: 5 a 14 de abril de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

Olhemos agora para os simpatizantes do PS. Entre eles, a solução mais bem perspectivada é ser o PS a tentar formar governo: 48% acham “boa ideia”. As restantes possibilidades são entendidas de forma desfavorável pela maioria dos elementos deste subgrupo. Ainda assim, a objeção à aceitação pelos socialistas de um governo minoritário da AD é muito menos expressiva (49%) do que a rejeição da integração do Chega numa solução de governo encabeçada pela AD (80%).

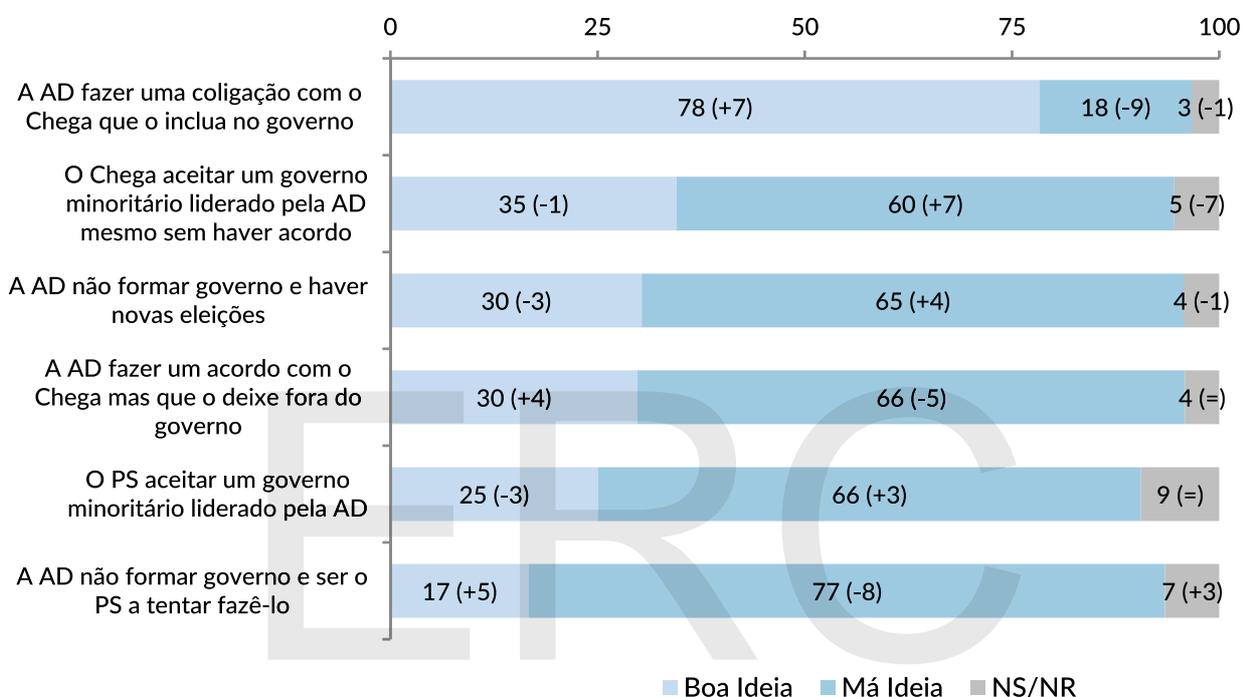
Em comparação com a totalidade da amostra, há entre os simpatizantes do PS uma maior proporção de inquiridos que consideram que ser o PS a tentar formar governo é uma “boa ideia” (48% vs. 29%), bem como os que acham que a AD fazer uma coligação com o Chega é uma “má ideia” (80% vs. 63%).

Já em termos longitudinais, há em comparação com janeiro de 2024 uma menor propensão para achar “má ideia” tanto o Chega como o PS aceitarem um governo minoritário da AD, e um maior ceticismo quanto aos méritos de se convocarem novas eleições.

9.4. Simpatizantes do Chega

"Acha que é uma boa ideia ou uma má ideia..."

% em relação ao subgrupo de simpatizantes do Chega; ; entre parêntesis, mudança em relação ao estudo de janeiro de 2024



Recolha: 5 a 14 de abril de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

Por fim, entre os simpatizantes do Chega a possibilidade que mais consideraram “boa ideia” é a AD fazer uma coligação com este partido (78%). Todas as outras possibilidades são consideradas más ideias pela maioria destes inquiridos, merecendo destaque o facto de 77% vislumbrarem de modo desfavorável o PS tentar formar governo neste contexto.

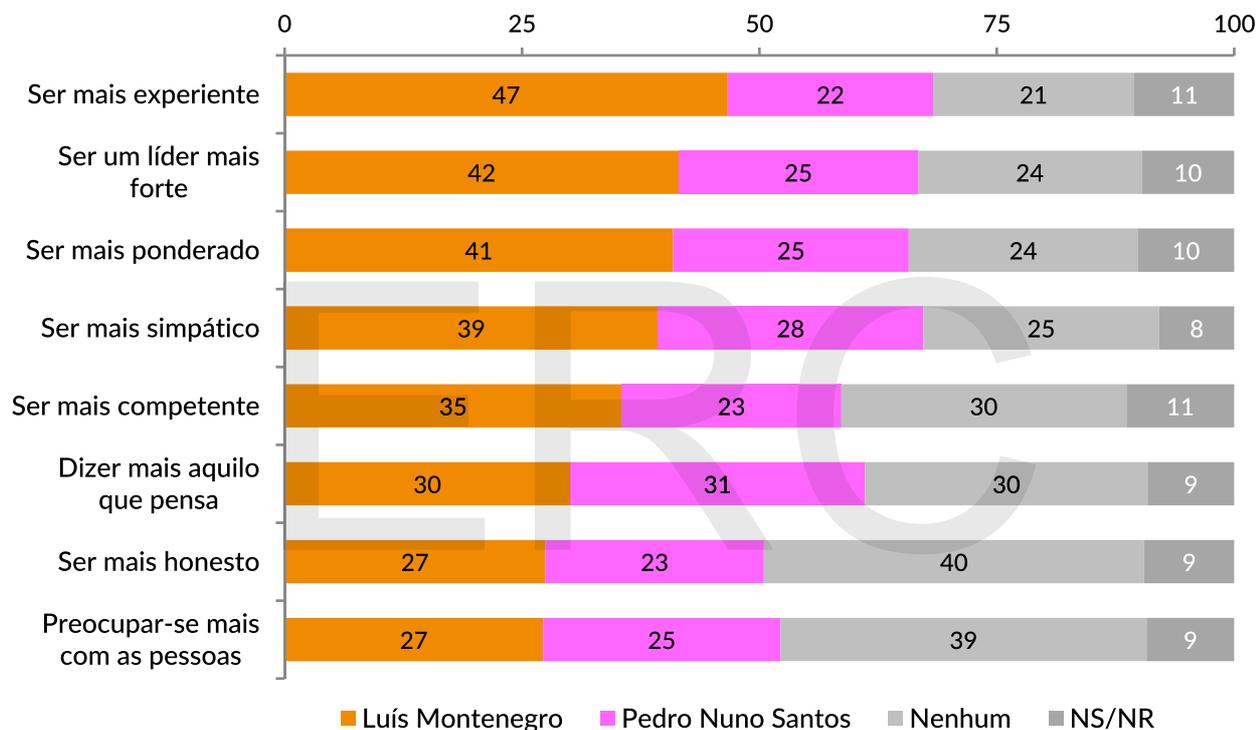
Em comparação com a totalidade dos inquiridos, há neste subgrupo uma muito maior aceitação de uma coligação AD-Chega (78% vs. 23%) e rejeição das possibilidades de o PS assumir a responsabilidade de formar governo (77% vs. 52%) ou aceitar um governo minoritário da AD (66% vs. 40%). Por fim, em relação a janeiro de 2024, não se observam oscilações particularmente significativas.

10. Qualidades de Luís Montenegro e Pedro Nuno Santos

10.1. Total da amostra

"Para cada uma dessas características, gostaria que nos dissesse qual deles, Luís Montenegro ou Pedro Nuno Santos, lhe parece..."

% em relação ao total da amostra



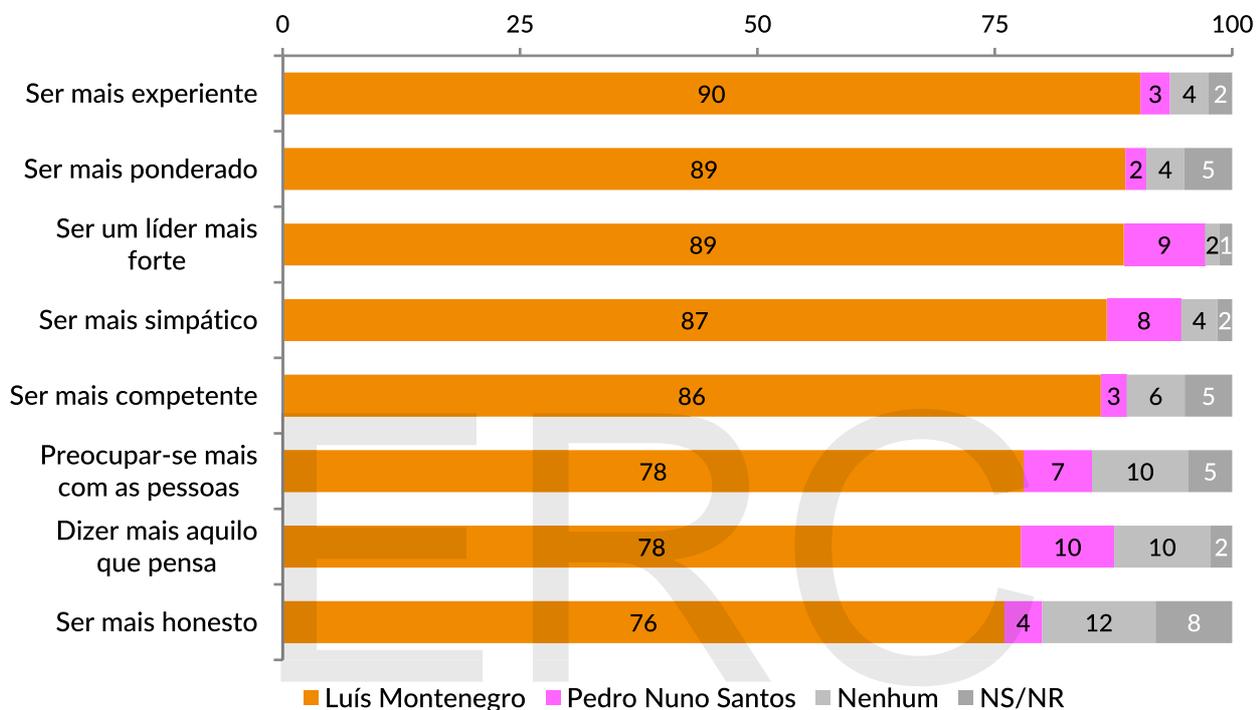
Recolha: 5 a 14 de abril de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

Pedimos aos inquiridos nesta sondagem que avaliassem o líder da AD, Luís Montenegro, e o líder do PS, Pedro Nuno Santos, em relação a oito características pessoais com relevância política, devendo dizer qual dos dois apresenta mais cada uma delas. Montenegro apresenta vantagem em relação a Santos em termos de experiência, força, ponderação, simpatia e competência. Os dois líderes partidários empatam no que diz respeito à franqueza, com 31% dos inquiridos a dizer que Pedro Nuno Santos apresenta mais esta qualidade, 30% a identificar em Montenegro uma vantagem nesta dimensão e 30% a considerarem que “nenhum” diz mais aquilo que pensa. Um empate entre os dois líderes é também observável no caso das avaliações relativas à honestidade e à preocupação com as pessoas, sendo que relativamente a estas duas dimensões a resposta mais frequente é que “nenhum” se destaca (40% e 39%, respetivamente). Entre 20% e 30% dos inquiridos disseram acreditar que “nenhum” destes líderes partidários se distingue pela experiência, força, ponderação, simpatia, competência ou franqueza.

10.2. Simpatizantes do PSD

"Para cada uma dessas características, gostaria que nos dissesse qual deles, Luís Montenegro ou Pedro Nuno Santos, lhe parece..."

% em relação ao subgrupo dos simpatizantes do PSD



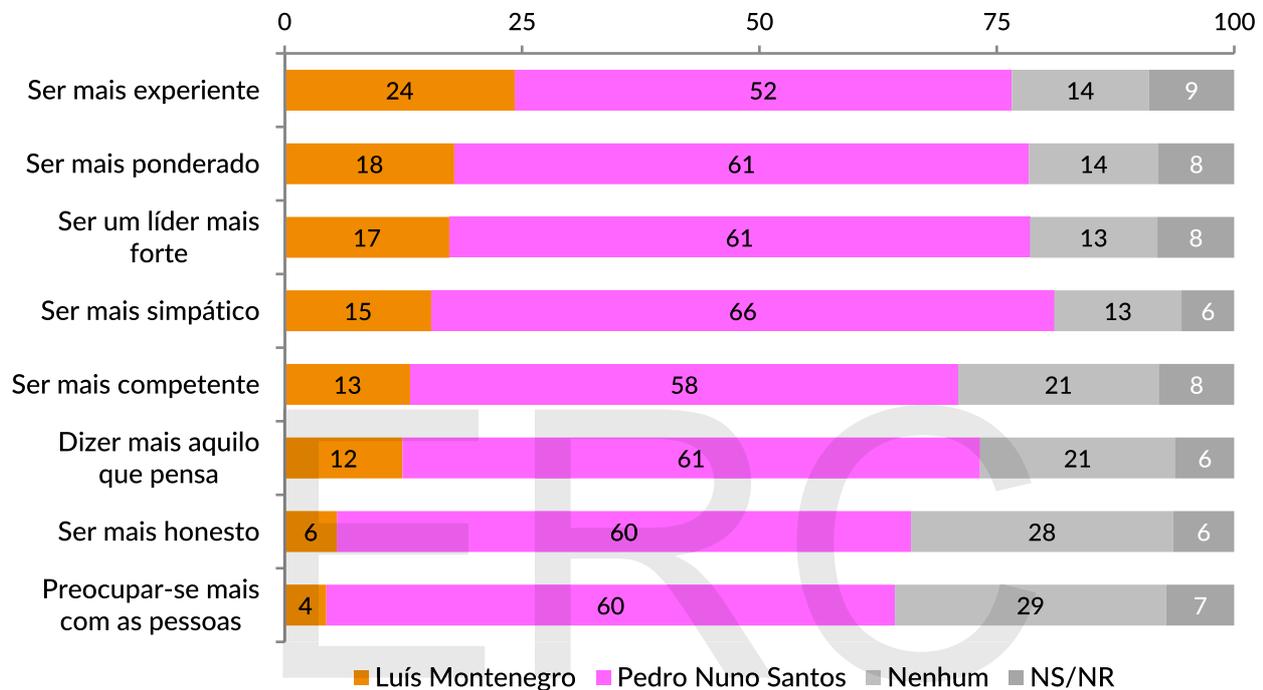
Recolha: 5 a 14 de abril de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

Ao analisarmos apenas as respostas dadas pelos inquiridos que afirmaram simpatizar com o PSD, observamos que amplas maiorias consideram que é Luís Montenegro quem mais apresenta estas características. De destacar que apenas cerca de três quartos dos simpatizantes sociais-democratas consideram ser Montenegro o mais honesto, o que diz mais aquilo que pensa e o que se preocupa mais com as pessoas. Ao mesmo tempo, cerca de 10% consideram que Montenegro e Santos não se distinguem em termos de empatia, franqueza e honestidade.

10.3. Simpatizantes do PS

"Para cada uma dessas características, gostaria que nos dissesse qual deles, Luís Montenegro ou Pedro Nuno Santos, lhe parece..."

% em relação ao subgrupo dos simpatizantes do PS



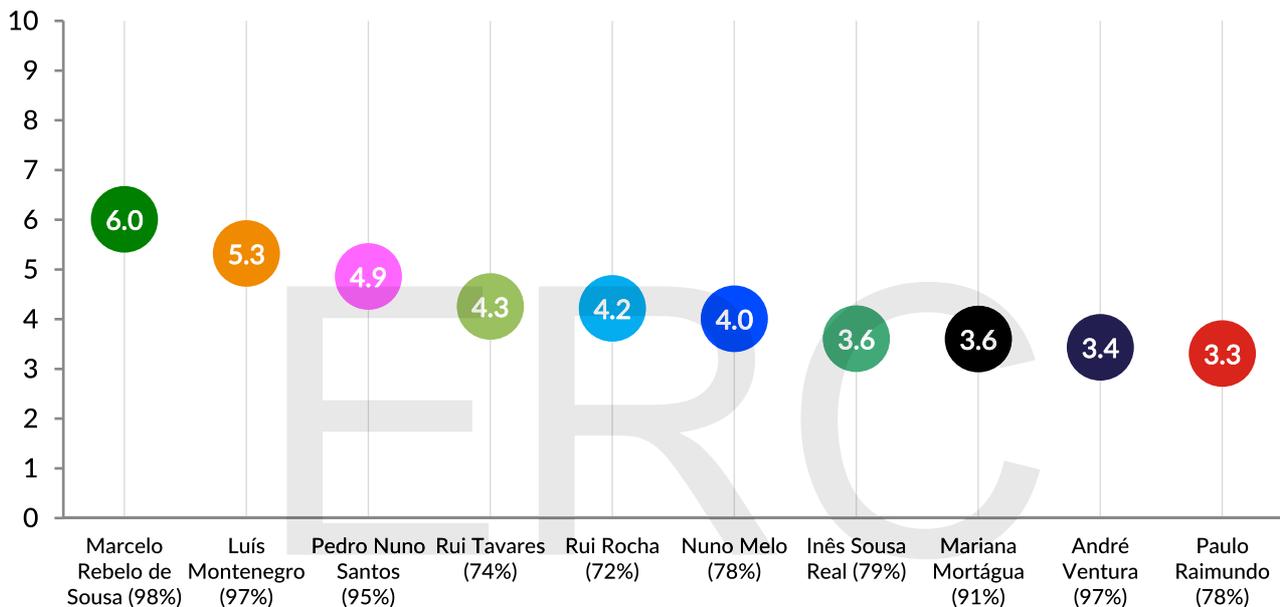
Recolha: 5 a 14 de abril de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

Os dados relativos aos inquiridos que afirmaram simpatizar com o PS contrastam com os analisados na subsecção anterior de duas formas distintas. Por um lado, em comparação com o que acontece no caso de quem simpatiza com o PSD, aqui há uma maior abertura para considerar que é o líder da outra força partidária (neste caso, Montenegro) a apresentar mais vincadamente determinada característica. Isto acontece de forma muito clara no caso da experiência (24% dos simpatizantes do PS dizem que Montenegro é mais experiente do que Santos), mas também no que diz respeito à ponderação (18%), força (17%), simpatia (15%) e competência (13%). Por outro lado, estes inquiridos são também mais propensos a afirmar que nenhum dos dois se destaca relativamente aos atributos em análise. Estes dois factos revelam um quadro em que apenas 52% a 66% dos simpatizantes do PS consideram que Pedro Nuno Santos se distingue positivamente de Luís Montenegro em termos das oito dimensões sob análise.

11. Avaliação de figuras políticas

Avaliação da atuação recente de figuras políticas, numa escala de 0 ("muito negativa") a 10 ("muito positiva")

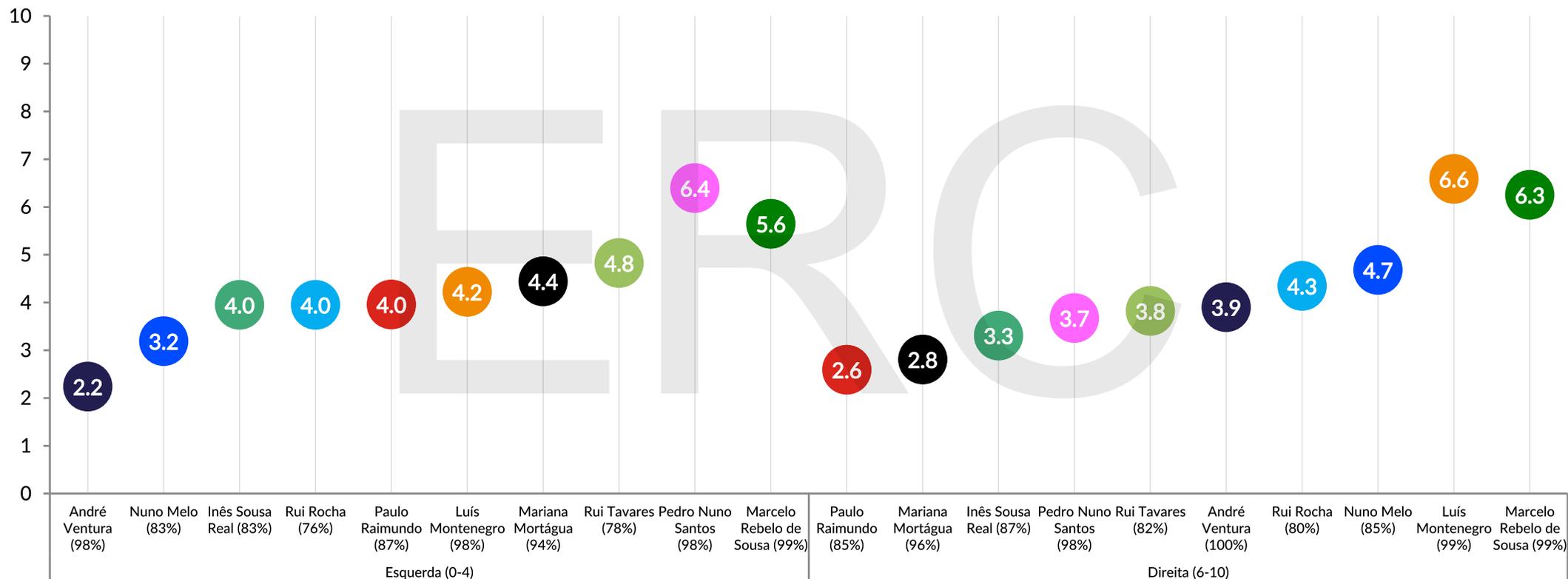
Avaliação média dos inquiridos com respostas válidas; entre parêntesis, % de inquiridos que fazem avaliação



Recolha: 5 a 14 de abril de 2025.

Marcelo Rebelo de Sousa e Luís Montenegro são as únicas figuras políticas que obtêm uma avaliação média superior ao ponto central da escala, sendo seguidos por Pedro Nuno Santos, cuja média o coloca junto deste ponto. Com avaliações mais baixas e já claramente negativas, encontramos, por ordem decrescente, Rui Tavares, Rui Rocha, Nuno Melo, Inês Sousa Real, Mariana Mortágua, André Ventura e Paulo Raimundo. Rui Rocha e Rui Tavares são os líderes partidários que aparentam beneficiar de uma menor notoriedade, tendo sido avaliados por apenas 72% e 74% dos inquiridos, respetivamente.

Avaliação da atuação recente de figuras políticas, de 0 ("muito negativa") a 10 ("muito positiva")
 Avaliação média de cada grupo de posicionamento ideológico; entre parêntesis, % de inquiridos que fazem avaliação



Recolha: 5 a 14 de abril de 2025.

Entre os inquiridos que se definiram como sendo de esquerda, a avaliação média mais alta é concedida a Pedro Nuno Santos. Seguem-se Marcelo Rebelo de Sousa, Rui Tavares (com um valor muito próximo do ponto médio da escala), e, já com avaliações médias negativas, Mariana Mortágua, Luís Montenegro, Paulo Raimundo, Rui Rocha, Inês Sousa Real, Nuno Melo e, por fim, André Ventura. Por sua vez, entre os que se posicionaram à direita, destacam-se Luís Montenegro e Marcelo Rebelo de Sousa. Depois, com valores já inferiores ao ponto central da escala, Nuno Melo, Rui Rocha, André Ventura, Rui Tavares, Pedro Nuno Santos, Inês Sousa Real, Mariana Mortágua e, por fim, Paulo Raimundo.

